
EDUCAÇÃO: PROCESSO CONTÍNUO DE DESENVOLVIMENTO

VOLUME V



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Frederico Celestino Barbosa

Educação: processo contínuo de desenvolvimento

5ª ed.

Piracanjuba-GO
Editora Conhecimento Livre
Piracanjuba-GO

5ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Barbosa, Frederico Celestino
B238E Educação: processo contínuo de desenvolvimento

/ Frederico Celestino Barbosa. – Piracanjuba-GO

Editora Conhecimento Livre, 2022

59 f.: il

DOI: 10.37423/2022.edcl469

ISBN: 978-65-5367-098-3

Modo de acesso: World Wide Web

Incluir Bibliografia

1. ensino 2. pesquisa 3. extensão I. Barbosa, Frederico Celestino II. Título

CDU: 370

<https://doi.org/10.37423/2022.edcl469>

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Corpo Editorial

Dr. João Luís Ribeiro Ulhôa

Dra. Eyde Cristianne Saraiva-Bonatto

MSc. Frederico Celestino Barbosa

MSc. Carlos Eduardo de Oliveira Gontijo

MSc. Plínio Ferreira Pires

Editora Conhecimento Livre

Piracanjuba-GO

2022

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	5
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A APRENDIZAGEM EM GEOCIÊNCIAS MEDIADA PELOS SABERES DA TRADIÇÃO	
Carmen Lourdes Freitas dos Santos Jacaúna	
DOI 10.37423/220305566	
CAPÍTULO 2	18
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA E SEUS DESAFIOS	
Wedson dos santos silva	
DOI 10.37423/220305601	
CAPÍTULO 3	24
ÉTICA NO CUIDAR: UMA TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR	
Carlos Bezerra de Lima	
Adriano Alves Bezerra	
DOI 10.37423/220305605	
CAPÍTULO 4	33
NOS PORÕES DO ILUMINISMO: O SENTIDO DA FUTUROLOGIA SOCIOPOLÍTICA PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	
Maxmiliano Martins Pinheiro	
DOI 10.37423/220305606	
CAPÍTULO 5	47
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Cleoneide Moura do Nascimento	
Faruk Maracajá Napy Charara	
Sônia Ronilda de Sales Dultra	
DOI 10.37423/220405663	

Capítulo 1

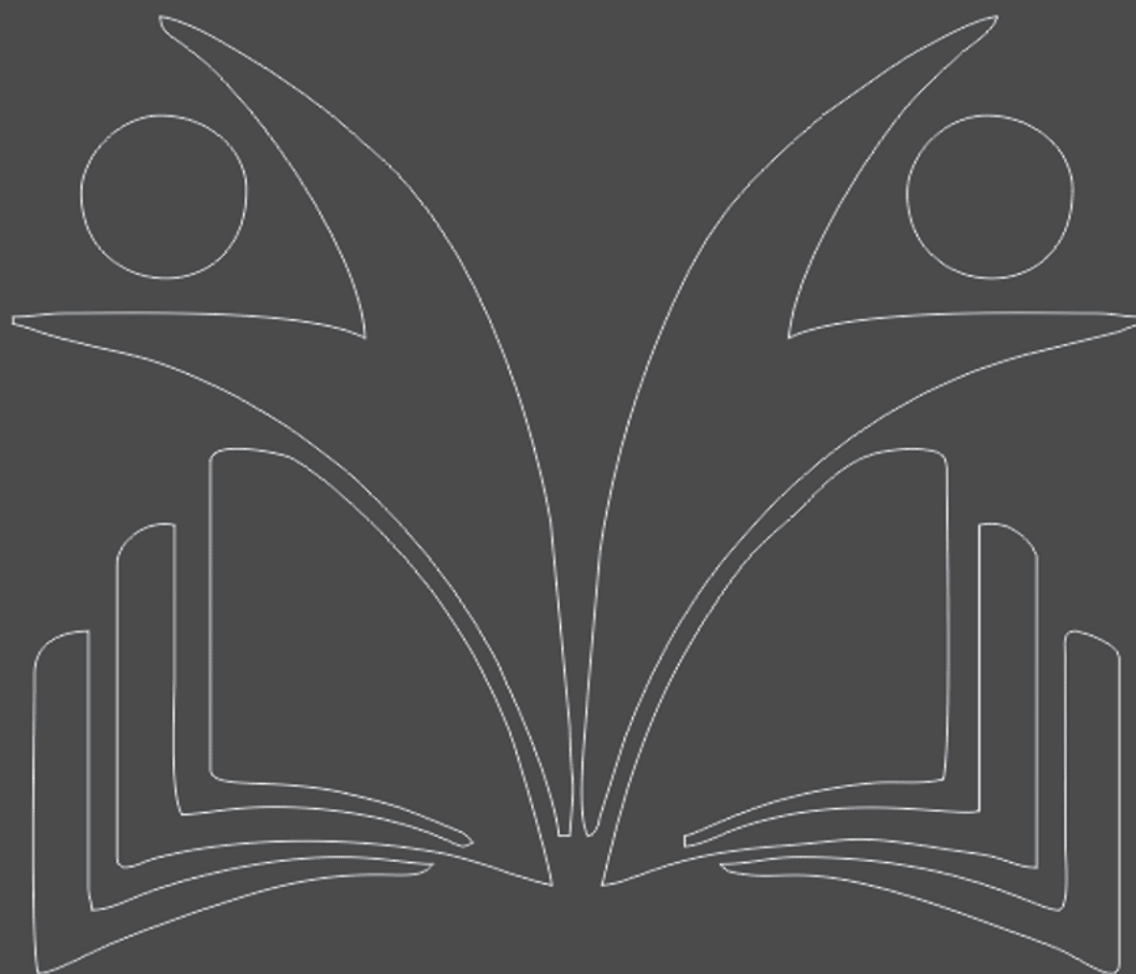


10.37423/220305566

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A APRENDIZAGEM EM GEOCIÊNCIAS MEDIADA PELOS SABERES DA TRADIÇÃO

Carmen Lourdes Freitas dos Santos Jacaúna

Universidade do Estado do Amazonas



Resumo: Apresenta-se nesse trabalho, o resultado parcial de uma pesquisa de doutoramento em Ensino e História de Ciências da Terra, realizada junto ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, cujo objetivo é conhecer em que medida os saberes da tradição são vistos nos cursos de licenciatura como agentes mediadores para uma aprendizagem significativa. A pesquisa de cunho qualitativo, segue pressupostos hermenêuticos dialético, utilizando-se da técnica de Grupo Focal para realizar o levantamento de dados. Como sujeitos investigados, conta com a participação de professores dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas ribeirinhas do município de Parintins/AM. Os sujeitos em questão foram convidados a refletir sobre a modificação da forma de compreender a ciência, nas suas diversas áreas de conhecimento, de acordo com as transformações sociais, políticas e econômicas do nosso tempo, visto que a ciência também é modificada pela forma de pensar e compreender o mundo mediante uma diversidade de saberes. Para pensar a educação como experiências da diversidade, apontam a necessidade urgente de restabelecer um diálogo entre os saberes científicos e o saber da tradição, de forma a inclui-los em suas práticas docentes. Seus posicionamentos apontam a necessidade de mudanças nos currículos dos cursos de licenciatura e a realização de cursos de formação em serviço, estes disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com as Instituições de Ensino Superior.

Palavras Chave: saberes da tradição, mediação da aprendizagem, formação de professor.

INTRODUÇÃO:

É acreditando num diálogo entre o conhecimento científico, repassado pela escola, e os saberes tradicionais locais, vivenciados pelos estudantes no cerne de suas comunidades, que propomos discutir e exercitar formas de intercâmbio entre a ciência e os saberes da tradição na sala de aula, sobretudo em populações onde tais saberes são uma referência para pensar o mundo e explicar fenômenos vivenciados pelas pessoas. É nesse sentido que buscamos compreender como os saberes tradicionais podem ser utilizados na escola como elemento motivador da aprendizagem. Para clarificar esse entendimento, desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo junto a dez professores da rede municipal de ensino do município de Parintins/AM que trabalham com as série finais do Ensino Fundamental em escolas de várzea. Para tanto, traçamos um caminho que vai desde o processo formativo pelos quais os professores passaram, até momentos de sua vivência em sala de aula, com o desenvolvimento de práticas educativas que valorizem esses saberes, visando facilitar a construção do conhecimento dos estudantes.

Apesar de ao longo da história terem sido subjugados pela ciência, os saberes da tradição servem para plantar valores, normas e crenças, expandindo a capacidade de pensar porque desatam os nós dos preconceitos sociais, morais, raciais, religiosos e ao mesmo tempo, permitem dialogar com outras histórias similares e diversas. Quinn (1998), no livro *Ismael*, expõe que o que nós chamamos hoje de mitos, já foram verdades para os povos que os construíram e que as nossas verdades de hoje podem no futuro se tornar mitos.

A ciência por ser um constructo do pensamento lógico humano, é passível de uma dinâmica constante, que reinventa teorias, descobre o novo, o desconhecido, deixando de lado a condição as crenças e costumes das sociedades tradicionais, ignorando os conhecimentos das pessoas não letradas, desprestigiando a cultura e os valores das comunidades tradicionais, tendo como conhecimento verdadeiro as afirmativas produzidas por pesquisadores através do conhecimento científicos responsáveis pela faculdade de representar o mundo, aferir sentido às coisas, fixar medida, quantificar, imprimir valor aos fenômenos. Porém, o ato de formalizar e conceber aproximações e afastamentos entre fatos e matérias se constitui e se constrói na matriz antropológica do processo de viver e conhecer dos seres humanos, portanto, não se configura numa aptidão exclusiva da ciência, e abre espaço para outros saberes dentre os quais os tradicionais ou populares, não valorizados pela academia, porém, por ser resultado da criação humana, no seio das comunidades tradicionais, explicam os fenômenos vivenciados por ela.

Segundo Brandão (2010, p.37), comunidade tradicional “constitui-se como um grupo social local que desenvolve dinâmicas temporais de vinculação a um espaço físico que se torna território coletivo pela transformação da natureza por meio do trabalho de seus fundadores”, que nele se instalaram, produzem um saber popular, resultante das múltiplas formas de relações integradas à natureza, constituído por conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, pela oralidade, ou pela interface com as dinâmicas da sociedade envolvente.

Grosso modo, essas comunidades são caracterizadas por possuir uma relação íntima com a natureza, sendo o desenvolvimento sustentável, um elemento que distingue a sua condição, pois vivenciam processos de cuidado com a terra e dela tiram seu sustento. As práticas de conservação dos recursos naturais são passadas para as novas gerações exatamente porque são processos presentes nos seus modos de vida.

Partindo do princípio de que o saber popular é um desafio ainda não totalmente descartado e que explicam os fenômenos vivenciados por alguns grupos de pessoas, acredita-se que estes também servem de base para o ensino e para a própria construção do conhecimento científico, obtido em condições de observação explícita, desenvolvido por meio de métodos sistemáticos, que buscam a verdade dos fenômenos, “mas que não vive e nem deve viver dissociadas de outras formas de saber” (SILVA, 2010, p. 21). Isso inclui, portanto, a valorização do saber construído pelas comunidades tradicionais, em seu aspectos antropológicos como os modos de fazer, de resignificar, as práticas sociais e os modos de transmitir a experiência às novas gerações.

Etimologicamente, a palavra saber distinguida por Foucault (2007), é o processo por meio do qual o sujeito se modifica pelo que conhece, pelo trabalho realizado para conhecer e que permite a modificação do sujeito e a construção do objeto. Já o conhecimento é o processo que permite a multiplicação dos objetos cognoscíveis, bem como o desenvolvimento de sua inteligibilidade e a compreensão de sua racionalidade. O mesmo autor chama a atenção para o fato do discurso positivista científico, silenciar saberes que estão a margem das disciplinas estabelecidas, que são construídos fora do domínio científico, e que põem em cheque as contribuições advindas dos saberes não científicos que podem apontar pistas para a produção do conhecimento que venha a solucionar problemas que a população humana envolvida no debate epistemológico venha a enfrentar.

Autores como Morin (1996), Capra (1992), Prigogine (2001), no âmbito epistemológico compartilham as formulações do pensamento complexo como ponto de partida para a religação do conhecimento, na intenção de romper com sua fragmentação disciplinar, priorizando a transdisciplinaridade,

concebida como uma metodologia do conhecimento que proporciona um diálogo entre as ciências e as tradições, para instalar um elo entre as diferentes áreas do saber e buscar a superação da ciência moderna.

DESENVOLVIMENTO

Com apoio à exposição apresentada, idealizou-se a presente pesquisa que faz parte de um projeto de doutoramento em Ensino e História de Ciências da Terra, realizada junto ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, foi pensada. A mesma tem o objetivo conhecer como os saberes da tradição ou populares são vistos nos cursos de licenciatura como agentes mediadores para uma aprendizagem significativa dos estudantes de escolas rurais, dotando-os de capacidade de valorizar sua cultura, promover a mobilização de instituições, organizações e movimentos sociais, universidades e poder público que garantam a dignidade dos Povos Tradicionais por meio de desenvolvimento de políticas públicas para a educação do campo, que primam pela interlocução e o diálogo entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais como referência para a superação de preconceitos, e relações de poder existentes.

A pesquisa em questão adota uma abordagem qualitativa visto que sua natureza está conectada ao pensamento sistêmico no que tange a visualização de interações, vencer as fragmentação e buscar o diálogo entre as diferenças e oposições, superando a unívoca valorização das regularidades e normas (MINAYO, 2010). O pensamento sistêmico, concernente com a complexidade revelada por MORIN (2005), apresenta-se como uma alusão aos caminhos que se desejam alcançar, pois como ele mesmo relata “se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo” (p. 8).

O pressuposto metodológico hermenêutico dialético proposto por Minayo (2010), que abarcam não somente o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também, as representações sociais que constituem as vivenciadas relações objetivas pelos atores sociais, atribuindo significados, ditam os rumos da pesquisa. Como técnica de pesquisa, adotou-se a observação participativa e a estratégia de Grupo Focal definido por Gatti (2005, p.32) como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”, sendo necessário que os participantes possuam vivência sobre o tema discutido, dando-lhes a possibilidade de expor suas opiniões,

inquietações e sugestões; nesse estudo, sobre a relação entre saberes tradicionais e ensino de geociências, para conhecer seus posicionamentos e realizar o levantamento de dados.

Por entender que a reforma na educação necessária para atender os novos anseios da sociedade (principalmente dos que estão distantes dos centros urbanos), está intimamente ligada à formação do professor, é que definiu-se como sujeitos investigados, dez professores dos anos finais do Ensino Fundamental de três escolas rurais do município de Parintins/AM. Os sujeitos em questão foram convidados a estudar e refletir sobre a modificação da forma de compreender a ciência, nas suas diversas áreas de conhecimento, mas em específico em geociências, levando em conta as transformações sociais, políticas e econômicas do nosso tempo, visto que a ciência também é modificada pela forma de pensar e compreender o mundo, mediante uma diversidade de saberes, dentre os quais os saberes da tradição locais.

Para tanto foram realizados três encontros, com os professores de três escolas rurais do município de Parintins/AM, no período de agosto a novembro de 2017. Nesses encontros, seguindo os princípios do Grupo focal, mediados pela pesquisadora, os professores tiveram a oportunidade de refletir sobre seus cursos de formação, aprofundar estudos sobre os caminhos da educação na contemporaneidade e debater sobre a possibilidade de utilização dos saberes tradicionais locais para mediar o ensino de geociências. Apesar da Geociência não fazer parte do currículo dos anos finais do Ensino Fundamental como uma disciplina específica, seus conteúdos podem ser encontrados na proposta curricular das disciplinas ensino de ciências, história e geografia.

A inclusão da geociência na formação geral e específica do cidadão, desde os níveis básicos da educação, contribui com um forte componente do meio ambiente, conhecimento básico acerca dos processos físico, químico e biológico de um lugar nas proximidades do indivíduo, desenvolvendo-se um respeito pela natureza, evitando ações que supõe alterações indesejáveis e irreversíveis ao meio ambiente (BONITO, s/d). O autor ainda afirma que o objetivo prioritário de conhecer a incidência individual sobre um local de vivência, a fim de protegê-lo e aproveitá-lo adequadamente, deve fazer parte da consciência cultural básica de todo cidadão livre.

Como meio de clarificar o entendimento dos professores sobre como relacionar os saberes tradicionais locais com os conteúdos geocientíficos trabalhados em suas turmas, definiu-se como conteúdo para exemplificação, a relação existente entre a “dinâmica das águas do rio Amazonas e a formação dos solos de várzea”. Esse tema está intimamente ligado ao cotidiano dos estudantes e

influenciam diretamente no modo de vida de toda a comunidade que é inundada periodicamente pelas águas do rio.

Conhecer como se deu o processo formativo e a área de formação de cada professor foi o primeiro passo. A partir das entrevistas, constatou-se que a realidade profissional do professor distancia-se de sua área de formação. Refletindo a realidade de muitos professores que tem seu primeiro emprego em escolas na zona rural. Estes na maioria das vezes não atuam em sua área de formação, e precisam se adequar a educação do campo que ainda trabalha com salas multiseriadas, constituídas por alunos de séries diferentes na mesma sala de aula, além de ministrar todas as disciplinas da proposta curricular.

ÁREA DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Por meio dos resultados, constatou-se que dos entrevistados, 40% é formado em Normal Superior (Pedagogia); 20% têm formação em Matemática, 20% em Ciências Naturais, enquanto que 10% tem como curso de formação em Letras e 10% graduados em História. Os dados demonstram a inexistência de professores graduados em Geografia, área de conhecimento da qual a Geociência faz parte e que também é uma vertente dessa pesquisa. Esse quadro mostra que atuar no interior do município de Parintins/AM, é ter plena consciência que a figura do professor, vai além de ensinar conteúdos científicos, para os quais foi preparado. Isso demonstra que muito há de se fazer para ajudar o professor a realizar seu trabalho com eficiência. Este é um elo de esperança para dezenas de crianças e jovens, que buscam através da educação, um meio para vencer a pobreza e o descaso, comuns às comunidades rurais do Amazonas.

CURSO DE GRADUAÇÃO E A VALORIZAÇÃO DOS SABERES DA TRADIÇÃO

Foi questionado aos professores entrevistados se o curso de graduação dos mesmos ofereceu subsidio teórico pra desenvolver seu trabalho, mediado pelos saberes tradicionais locais. Dentre eles, 80% respondeu que sua formação acadêmica ofereceu totalmente o suporte teórico. Professores graduados em História, Pedagogia e Letras foram os responsáveis por esses dados. Porém afirmam que ao preparar suas aulas têm dificuldades de relacionar os saberes tradicionais com os conhecimentos científicos. Já 20%, dos quais fazem parte os graduados em matemática e Normal Superior, dizem que o curso no qual formaram-se ofereceu parcialmente condições teóricas necessárias para desenvolver esse trabalho.

Em vista das dificuldades de relacionar os saberes tradicionais com os conteúdos trabalhados, a pesquisadora coloca em pauta na roda de diálogo do Grupo Focal, uma reflexão, perguntando como as pessoas mais antigas e não letradas da comunidade explicam o fenômeno da subida e descida do nível das águas dos rios em suas atividades cotidianas. **1º Questão:** O que os faz compreender quando a cheia vai ser grande? **2º Questão:** Como e quando iniciam o preparo da terra para o cultivo? **3º Questão:** Como identificam o período de arribação? **4º Questão:** A desova dos quelônios? **5º Questão:** Como compreendem o fenômeno das terras caídas, e todo tipo de manifestação física natural, de forma a conseguir conviver e adaptar suas atividades diárias a essa dinâmica? Suas respostas levam-nos a classificá-las em dois grupos distintos: **a dos professores que são naturais das comunidades**, que tem esse espaço como lugar de vivências e a dos **professores que são naturais da cidade de Parintins** e que prestam serviço nas escolas rurais.

No Grupo Focal, iniciamos as discussões sobre a primeira questão com os de professores viventes das comunidades, para depois passar a palavra para os professores da cidade; alternando suas falas, mediante cada questionamento apresentado. Esse momento foi oportuno visto que cada participante, ao mesmo tempo em que demonstrava suas opiniões sobre os temas, também refletia sobre seu processo formativo e os desafios para ensinar nas escolas rurais. Essa estratégia metodológica permitiu um momento de compartilhamento de seus saberes, e para a pesquisadora uma oportunidade de escuta e reflexão sobre a formação de cada um e as implicações desta nas práticas efetivadas na escola rurais.

Essa estratégia foi realizada com inspiração nas ideias de Gatti (2005), que defende os trabalhos aos moldes do Grupo Focal, pois permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, bem como compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, “constituindo-se em uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções crenças, hábitos e valores, linguagens e simbologias por pessoas que partilham alguns traços em comuns relevantes para o estudo de um problema” (GATTI, 2005, p.11).

A realização dessa estratégia se mostrou importante para os professores envolvidos, pois falar sobre como se relacionam com os conhecimentos tradicionais locais e a possibilidade de utilizá-los em sala de aula, a fim de enriquecer o seu trabalho, é algo que se a princípio lhes causou estranhamento, a partir desse diálogo passaram a pensar em estratégias para a sua utilização. Consideram que essas práticas ajudam a superar as carências e dificuldades enfrentadas tanto pelos professores quanto por

Percepção De Professores Sobre A Aprendizagem Em Geociências Mediada Pelos Saberes Da Tradição

seus alunos, no que tange a levar para sala de aula esses saberes, oportunizando experiências com um ensino mais próximo das necessidades e expectativas do contexto em que trabalham.

Ambos os grupos enfatizaram a necessidade da formação em serviço pois isso lhe daria suporte teórico e metodológico para desenvolver seu trabalho nas escolas rurais, independente de seu curso de formação, visto que as essas escolas possuem características e dificuldades peculiares, que precisam ser pensadas para que possam ser superadas. Suas respostas para maior entendimento, estão expostas no quadro 1.

	Professores da comunidade (seis)	Professores da Cidade (quatro)
1º Questão	Nós nascemos aqui. Por muitos anos nossos pais observam a subida e descida das águas dos rios. Sempre temos uma marca da água que pode ser em uma árvore ou na parede das casas. Agente vê por mês. Se até o mês de maio as chuvas forem intensas, provavelmente a cheia vai ser grande. Esperamos que ela pare lá pelo dia quinze de junho. Só que agora com as mudanças do clima, não conseguimos prever com exatidão.	Achamos que é pela observação. Pra nós que não estamos acostumados, a época da enchente é muito ruim. Não conseguimos trabalhar. Estamos sempre atentos com medo de acidente com os alunos ou o aparecimento de cobras nas dependências da escola.
2º Questão	Assim que a água vai baixando, esperamos uns quinze dias porque ela fica encharcada. Depois disso já começamos a plantação. Isso pra quem faz plantação de curto ciclo como melancia, milho e jerimum, quiabo, feijãozinho. Quem planta em balcão, aproveita pra mudar a terra.	Sabemos que os terrenos de várzea depois da enchente ficam férteis. Assim que o nível das águas baixam, está na hora de plantar.
3º Questão	No período da arribação, os cardumes de peixe sobem para a desova. Nesse período a pesca é certa. É também o tempo da vazante do rio e os peixes estão concentrados em cardume o que facilita a pesca. Quando o rio está muito cheio os peixes ficam espalhados. É bom de pescar também nos igarapés, mas é um outro tipo de pesca.	Acreditamos que em virtude da grande quantidade de rios, sempre é tempo de pescar. Mas ultimamente parece que os peixes estão ficando escassos. Já não é todo dia que se consegue peixe.
4º Questão	No mês de agosto quando as águas dos rios começam a baixar, principalmente onde aparece praia, os tracajás já sobem para desova. Nos rios com barranco, só lá pro mês de setembro a outubro. Eles não desovam quando o barranco está muito encharcado pois os ovos não darão crias.	Relacionamos o período da desova dos tracajás com o período das praias que começa a aparecer no mês de setembro.
5º Questão	A queda dos barrancos é constante aqui na costa do Amazonas. Ao longo dos anos temos visto terrenos se formarem e terrenos desaparecendo em consequência da força da água, mas, achamos que a o aumento de grandes embarcações como balsas, navios e barcos também contribuem. Aqui no Paraná do Espírito Santo, nesses cinquenta anos, a comunidade já mudou de lugar duas vezes e com essa enchente achamos que para os próximos anos	As terras caídas e um fenômeno natural. Os terrenos de várzea são muito frágeis não tem a firmeza de um terreno de terra firme.

	vai mudar de novo. A defesa civil já interditou a escola e a Igreja. Os comunitários já pensam em construir outra em uma restinga mais distante do rio.	
--	---	--

Quadro 1: Posicionamento dos professores quanto os saberes tradicionais locais

Para a pesquisadora, a escuta realizada foi muito mais do que a ação de ouvir. Foi um ouvir solidário, afetuoso que permitiu ver as dificuldades pelas quais esses professores passam e exigiu um certo esvaziamento da mesma, para poder perceber o outro, e ao fazê-lo reconhecê-lo de modo singular, valorizando cada palavra que era dita e, ao mesmo tempo especulando como esses conhecimento poderiam ser utilizados como instrumento mediador da aprendizagem. Suas falas sobre cada uma das questões apresentadas, expressam pontos de vista diferentes que estão relacionado a vivencia de cada grupo de professores, mas todos carregados de significados didáticos pedagógicos, capazes de contribuir com o conhecimento construído na escola.

Como já esperado, o grupo de professores naturais da comunidade expõem com detalhes o entendimento sobre as questões apresentadas, evocando um conhecimento pertinente, aqueles aprendidos com seus pais, que muitas vezes nunca frequentaram uma escola e que o aprendizado se deu de forma oral e experimental e, principalmente, pela aproximação com a natureza.

Almeida (2010) chama a atenção para a maneira de pensar dos “intelectuais da tradição”. Esses intelectuais são pessoas mais preparadas para enfrentar as dificuldades e incertezas, pois aprendem significativamente para as suas vidas, estando atentos para os acontecimentos ao seu redor e sendo observadores cuidadosos dos fenômenos da natureza, interpretando com coerência e lucidez o mundo à sua volta.

Mediante uma análise prévia, reconhecem que suas falas contém conteúdos de cunho geográficos, geocientíficos, históricos, matemáticos, biológicos e que por meio de um planejamento de estratégias, podem servir de fio condutor para a aprendizagem. Nesse sentido, reconhecemos que saberes científicos são uma maneira de explicar o mundo, mas Almeida (2010, p.51) afirma que “existem outras produções de conhecimento, outras formas de saber e conhecer que se perdem no tempo e no anonimato porque não encontram espaço e oportunidade de expressão”.

No decorrer da discussão, percebem que é preciso conceber a escola como espaço de formação onde os conhecimentos tradicionais, passam a exercer um elo entre professor e aluno, é nesta interação, que o estudante aprenderá a relacionar o que acontece em sua realidade, os fenômenos naturais por

exemplo, em uma explicação científica, o que ajudará a levantar hipóteses, a repensar a forma como a prática do ensino é desenvolvida, “aproximando sem compactar, essas contingências singulares de um mesmo sujeito cognoscente o que parece ser o desafio de uma nova cosmologia dos saberes humanos, ou seja, de uma ciência da complexidade”. (MORIN, 2015 p. 62)

Ademais, é pertinente expor, que todas as sugestões e posicionamentos surgidos durante as discussões no Grupo Focal, serão analisadas no momento do planejamento para possíveis execuções de ações didáticas pedagógicas, à princípio para as aulas com conteúdos geocientíficos (como propõe o projeto), e posteriormente podendo de estender a outras disciplinas.

CONCLUSÕES

Com a pesquisa, verificou-se que é possível reaver antigas sabedorias, experimentar outros modos de conhecer, sem ter que escolher entre a tradição ou a modernidade, compreendendo que um conhecimento não nega o outro. O propósito da pesquisa não é validar cientificamente os saberes tradicionais. Estes não precisam ser validados, já são saberes por natureza. Detalhando um pouco esse argumento, demonstra-se que os saberes da tradição construíram ao longo da história um rico e diversificado marco de leitura e interpretação de mundo, que contém desde previsões climáticas, até as formas de apropriação da natureza pelo homem e seus imperativos impactos. Mostra também que os professores carecem de auxílio para desenvolver um ensino de qualidade, agravado pela falta de uma formação que contemple as peculiaridades locais, a infraestrutura física e material adequada na escola e de transporte para os alunos, pois muitos deles precisam percorrer grandes distâncias de barco ou a pé para chegar à escola.

Desse modo, conclui-se que são muitas as dificuldades encontradas nas escolas rurais, com salas multisseriadas, em que vários fatores interferem negativamente no desenvolvimento do ensino e aprendizagem como: alunos com diferentes idades, várias séries em um só ambiente, poucos professores para várias turmas, livros didáticos descontextualizados da realidade, falta de formação continuada a fim de propiciar novas metodologias e estratégias de ensino, que desperte o interesse dos alunos.

É preciso, portanto, o exercício de refletir a educação mediada pelos saberes tradicionais locais, as metodologias, currículos, o conhecimento em si, com o objetivo de construir uma educação democrática e cidadã. As escolas rurais ainda necessitam de professores formados para a educação no campo, pois muitos professores ensinam conteúdos e praticam metodologias que não reflete a

realidade desses educandos, contribuindo ainda mais para a perda da identidade cultural dos mesmos, com consequente exclusão social, sobretudo hoje numa sociedade planetária onde a diversidade cultural se expressa como um valor a ser preservado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

BONITO, Jorge. Da importância do ensino das geociências: algumas razões para ser professor de geociências. Seção de Educação - Departamento de Pedagogia e Educação – Universidade de Évora /Portugal. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/16541/1/Bonito.pdf>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. In Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais dos sertões roseanos. Montes Claros: 2010 (Relatório de Pesquisa).

CAPRA, Fritjot. O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1992.

FOUCAULT, Mi. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GATTI, Bernadete Argentina. Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. – Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MINAYO, M.C.S.(Org) Pesquisa Social; Teoria Método e Criatividade. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, Maria Cândida. Transdisciplinaridade, criatividade e educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos. Colaboração de Juan Miguel Batallosa. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MORIN, Edgar. O problema epistemológico da complexidade. Lisboa: Europa-América, 1996.

MORIN, Edgar. O Método 6. Ética. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PRIGOGINE, Ilya. Carta às futuras gerações, In: Ciência Razão e Paixão. (Org. ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis) Belém: EDUEPA. 2001.

QUINN, Daniel. Ismael – Um romance da condição humana. Tradução de Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Peirópolis, 1998.

SILVA, Márcia Regina Farias da. Ciências, natureza e Sociedade: Diálogo entre saberes. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

THUM, Carmo. Povos e Comunidades tradicionais: aspectos históricos, conceituais e estratégias de Visibilidade. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E-ISSN 1517-1256, Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 162-179, junho, 2017.

Capítulo 2



10.37423/220305601

EDUCACAO CONTEMPORANEA BRASILEIRA E SEUS DESAFIOS

Wedson dos santos silva

Editora conhecimento



Resumo: Este artigo tem por finalidade debater sobre os desafios que a educação brasileira tem enfrentado nos últimos tempos. Abordar também causas e consequências que afetam a educação brasileira.

Quais os fatores influenciam, qual a problemática a ser dialogada e por fim entender os novos desafios que isto posta à educação no Brasil.

Palavra chave: educação, desafios, dialítica, resolutividade.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo explicar sobre a educação brasileira buscando entender fatos, acontecimentos, que levam a educação a procurar novas maneiras para regir seu ofício. Que esta posto a mesma, nos últimos tempos, buscando na leitura e pesquisa de escritores e críticos da educação tentar entender a problemática aqui abordar ou seja buscar esclarecimento dos desafios, posto a educação no Brasil e quais as possíveis resoluções a ser debatidas nos questionamentos aqui vistos com relação a educação brasileira. Com isso obter uma melhor compreensão e consequentemente atingir nossa meta educacional no país.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A EDUCAÇÃO NO BRASIL E SEUS DESAFIOS

A educação brasileira sempre passou por várias transformações. Para contextualizar de forma mais objetiva podemos citar alguns momentos importantes. Em 1930 o modelo que prevalecia de educação no Brasil era o de educação tradicional ou seja, o educador como autoridade em sala de aula e o aluno só recebedor das mensagens que eram introduzidas a eles. Vale lembrar que os adultos eram o público alvo mais centrado, foi também um período em que a religião tenha uma presença muito forte na educação escolar.

Em 1964 surgem novas análises e questionamentos em relação a educação no país que tinha sua centralização nas crianças e também que novos métodos educacionais fossem criados se caracterizando assim como um modelo de educação diferente da escola tradicional que predominava desde a década de 1930. Foi também na década de 1960 o período militar que marcou a história brasileira intrinsecamente está relacionado com a educação no país ainda neste período militar as quais reformas ocorridas na educação brasileira. A do ensino superior (1968) e a do ensino básico (1971) dando ênfase a tendências técnicas e burocrática na educação. Ficou decidido pelo regime militar a recolocação da educação moral e cívica como disciplina obrigatória em todos os níveis de ensino, inclusive numa pós graduação, mas essas reformas estavam voltadas principalmente para as escolas públicas.

A partir da década 1980, iniciou-se no país o período de democratização, um esperado grande avanço na resolução de problemas a qual a educação estava acometida, mais não ocorreu. Em 1987 escolas públicas, privadas e setores organizados da sociedade se reuniram e depois de grandes debates e

críticas conseguiram encaminhar o que chamaram de novo plano de educação para o país. Criado para tentar combater o analfabetismo.

Em 1988 regidos pela constituição que depende que a educação é um direito de todos, dever do estado e da família onde ela visa a plenitude do desenvolvimento da pessoa e da cidadania e a qualificação para o trabalho, remete que o ensino deve ser executado levando em consideração igualdade de acesso e permanência na escola, liberdade de aprendizagem gratuidade no ensino público, pluralismo de ideias, valorização de profissionalismo de ensino, gestão democrática e o padrão de qualidade.

E importante ressaltar que no Brasil a iniciativa privada é livre desde que sejam cumpridas todas as exigências da educação nacional que são estabelecidas pela lei regente.

Para entendermos melhor como funciona a incumbência de cada órgão que faz acontecer a educação no Brasil deve-se entender que cada um deles deve atuar em um “regime de colaboração” (art. 211 constituição) onde a União faz o financiamento o sistema federal e ajuda a organiza-lo. O sistema federal incube-se de assistência técnica e financeira aos estados e municípios que devem estar voltados por prioridade no atendimento à escolaridade obrigatória.

Todas as políticas devem estar convergidos para assim atingir no máximo possível a qualidade do ensino nas escolas, buscando sempre fundamentações para que tudo aconteça com autonomia pedagógica, administrativo e de gestão financeira

A educação brasileira é administrada pelos órgãos: federais, composta pelo ministério da educação (MEC) e o conselho nacional de educação (CNE). Esfera estadual (SE) e conselho estadual de educação (CEE) e a esfera municipal composta pela secretaria de educação e conselho municipal de educação (CME).

Os estabelecimento privados devem submeter-se a serem fiscalizados e controlados seguindo orientação da administração estadual. Lembrando que a educação infantil particular deve submeter-se à fiscalização municipal.

Deve-se ressaltar que o Brasil já obteve grandes avanços na educação mas pouco se investe em educações aqui no Brasil se compararmos com outros países.

Com uma legislação bastante avançada quando se trata de educação pode-se constatar que o Brasil é um dos países do mundo que ainda tem um desempenho muito pequeno no setor educacional. O analfabetismo é um dos maiores exemplos disso, uma curiosidade é que no meio urbano está

concentrado o maior número de analfabetismo onde o mesmo se caracteriza entre outro na evasão escolar, repetência, distorção série / idade entre outros fatores.

Fazendo uma análise comparativa entre nível de renda e acesso a educação pode-se concluir que a educação não se constitui como deveria ser no Brasil onde se encontra classes privilegiadas em decorrência da distribuição injusta da renda.

Para que continue-se entendendo o que acontece na educação brasileira não podemos deixar de explorarmos sobre LDB lei de diretrizes e bases que com a promulgação da constituição 1988, vários debates aconteceram até que em torno deles foi intensificada a LDB, chamada de constituição da educação a LDB abrange todo os níveis de ensino, da pré escola à pós-graduação do ensino publico e privado, a educação especial e de grupo étnicos culturais que são minoria. Sancionado em 20 de dezembro de 1996, tem por objetivo nortear a educação brasileira, a LDB está sempre sendo atualizada para atender novas demandas da sociedade que surgem por inúmeros fatores. Lei que se referencia em vários princípios sendo um dos mais importantes o da liberdade, e os de ideias de solidariedade humana, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

Outro órgão que deve ser levado em consideração na importância do que abrange a educação brasileira e o conselho tutelar: Órgão público, permanente, autônomo, não jurisdicional, que tem por objetivo zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. Lembrando sempre que ele está vinculado administrativamente ao poder executivo não é órgão de governo, mas sim de estado. Para entender melhor esse órgão se objetiva em atender melhor a parte da população que está mais desassistida pelas políticas públicas especiais no ECA (estatuto da criança e do adolescente) entre os artigos 95 e 136. Sendo assim a educação e um dos direitos da criança e do adolescente, então conselho tutelar e escolas devem está aliados na busca constante para que esses direitos sejam cumpridos. E responsabilidade da escola resolver problemas pedagógicos, a partir de uma extrapolação como por exemplo: Drogas, armas entre outros ou sim deve ser acionado o conselho tutelar só para que se entenda a competência de cada parte, um problema encontrado hoje na educação do país com relação a esses órgãos e o distanciamento encontrado por eles, uma parceria importante para a educação, vínculos mais fortes deveriam existir, políticas de prevenção e outras ideias como capacitações educacionais para os conselheiros seriam ótimas ideias para que se estreitasse esse trabalho nos dois órgãos, o que se deve ser observado em ambos é que práticas pedagógicas destes órgãos busquem uma ressignificação do trabalho condicionado por características culturais do próprio espaço da escola, onde ambos estão voltados para a prática social em seus ofícios.

Segundo Aquino (1996, p, 48), Temos que reconhecer, que alguém margem da escolarização não pode (nem mesmo o sabe) ascender ao status de cidadão Sua plenitude, seus direitos, mesmo que em tese sejam iguais aos dos outros. Na prática serão mais escassos. O acesso pleno à educação é sem dúvida o passaporte mais seguro da cidadania.

Segundo Paulo Freire, quando se trata de educação escolar dizemos que a escola e o espaço mais importante na formação de cidadãos e educar e o ato de transformar. De acordo com ECCO e Nogado (2015).

Educação e humanização são termos indicotomizáveis pois educar em síntese objetivo formar e “trans-formar” seres humanos, valorizando processos de mudanças dos sujeitos, atualizando suas potencialidades tornando-os humanos. Ademais, concebemos o ato pedagógico como um ato de educar, e o trabalho do educador efetivar-se com e entre seres humanos. E nesse, sentido compreendermos que uma educação autentica promove a dignidade de pessoas, esperançosa que vivam humanamente, isto é que seja capazes de fazerem-se, construírem-se, inventarem-se, desenvolverem-se, pois não nascemos prontos.

Outra grande provação encontrada na atualidade educacional brasileira, está na formação de professores, ainda é preciso mais investimentos voltados para capacitações, melhor instrução acadêmica no âmbito da prática e investimento na melhoria da remuneração dentre outros, ampliar a estrutura física das escola para melhoria da qualidade do ensino. Perceber-se notarialmente que a formação do professor na prática é muito pequena com relação ao que se é exigido do professor, alguns avanços já foram obtidos, mas, é preciso que outras ideias, capacitações, investimentos estejam voltados para classe para que a função social não seja distanciada da profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar no presente artigo, que a educação brasileira está em constantes mudanças e em decorrência disso acontece a necessidade de trilhar novas técnicas, propostas pedagógicas, estudos entre outros para conseguir entender as problemática a ser enfrentada pela educação no país. Na busca pela melhor compreensão este artigo fundamentou-se em estudiosos críticos escritores, e outras fontes de pesquisas que foram buscadas com intuito de levantar discursões e ideias para ajudar professor e aluno, escolas e demais órgãos que fazem educação neste país. Visando a melhoria na qualidade de ensino/aprendizagem, levando em consideração todos os fatores, acontecimentos e tendências que levam, críticos e estudiosos a fazerem perguntas, ou seja, controvérsias para a melhoria da qualidade da educação brasileira.

Capítulo 3



10.37423/220305605

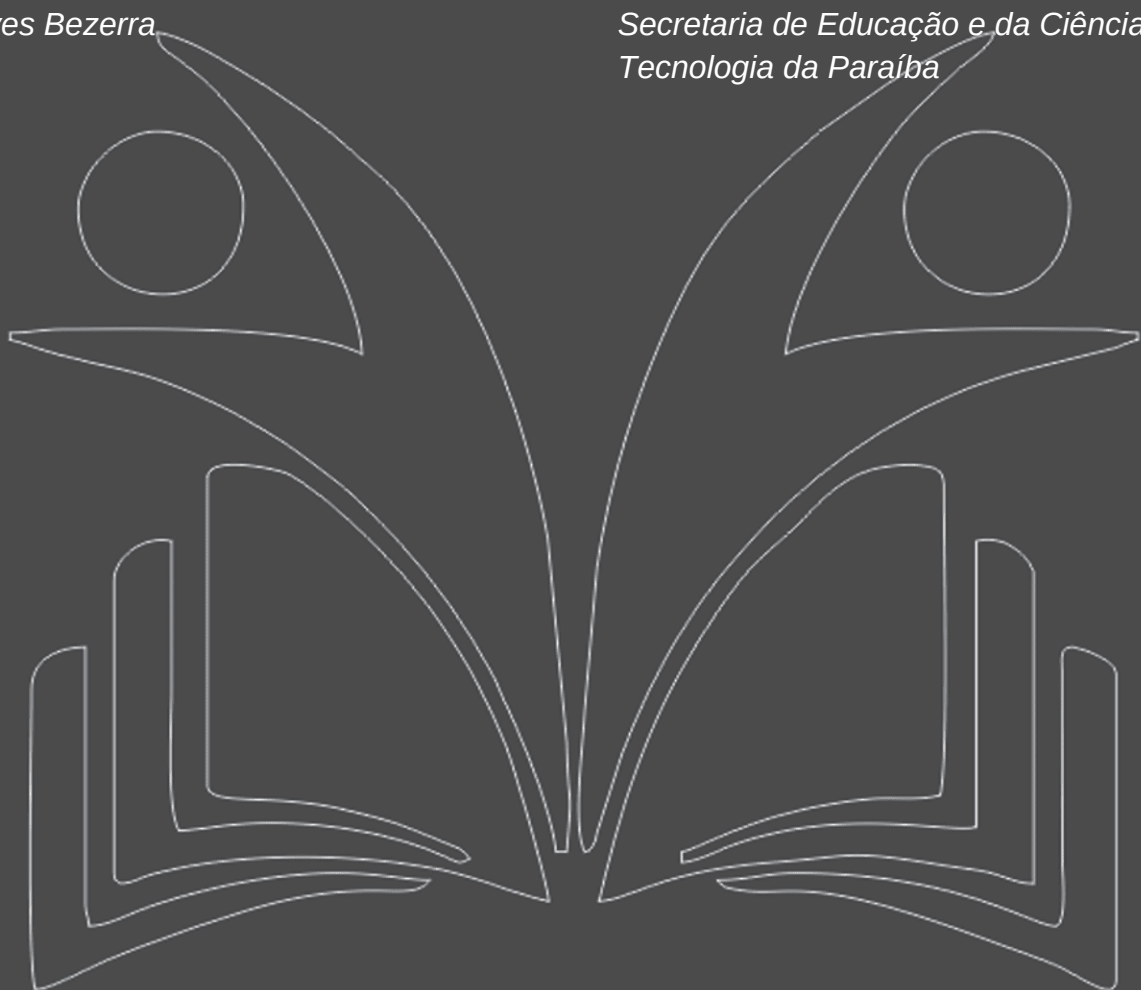
ÉTICA NO CUIDAR: UMA TEMÁTICA INTERDISCIPLINAR

Carlos Bezerra de Lima

Revista Temas em Saúde

Adriano Alves Bezerra

*Secretaria de Educação e da Ciência e
Tecnologia da Paraíba*



Resumo: A relação antinômica entre indivíduos no contexto social vigente, considerando que o apego do homem atual pelo prazer e pelo ter que, conseqüentemente, provocou um colapso nas mais diversas esferas que envolvem o seu bem-estar. Neste estudo procuramos analisar as contribuições da temática ética no cuidar, enquanto processo de transformação do ser humano considerando-o um ser que sente, pensa, ama, chora e venera e sua relação com a natureza. Neste contexto, destacamos a urgente necessidade de adotar a ética como conceito de viver bem, tendo em vista que a ecologia, a ética e a espiritualidade podem oferecer subsídios para este novo paradigma civilizatório, contribuindo para solucionar problemas no atual contexto social, tais como: violência, corrupção, poderio, libertinagem, irresponsabilidade, desamor, desafeto, dentre outros que põem em risco o bem-estar do ser humano. Ressalte-se então, a extrema necessidade de se trabalhar a ética no cuidar não apenas como um conceito centralizado a essa ou aquela área de conhecimento e sim, em um contexto amplo do meio acadêmico, em uma abordagem transdisciplinar, mirando o favorecimento de uma consciência do cuidar mais humanizada na relação entre pessoas. Urge adotar um novo modelo na relação profissional e paciente, através da humanização na assistência, a qual muda o conceito do paciente passivo. Para o êxito desse estudo, nos apoiaremos nas contribuições científicas da ética como norteadora de princípios e valores para o bem viver na atual sociedade, da ecologia, nos contextos ambiental, social, mental e integral, além da biótica como promotora da dignidade humana e qualidade de vida.

Palavras-chave: Ética. Bem-estar. Ecologia. Bioética.

INTRODUÇÃO

No atual contexto social brasileiro, a dinâmica dos processos vigentes apoia-se em valores que promovam o que é prazeroso e o que é útil. Essa dinâmica permite e estimula a relação entre duas pessoas cujos conceitos de vida sejam antinômicos, sejam contraditórios, sejam opostos. Para uma, a vida tem que ser cuidada, valorizada e preservada; para a outra ela não tem importância, pode ou até precisa ser extinta. Nessa lógica a escatologia tornou-se motivo de risos, a teologia que é mãe de todos os saberes tornou-se mera ficção.

Em outros termos, a lógica prazerosa e utilitária levou o ser humano à desordem moral e a um niilismo que pôs em risco a saúde, enquanto bem-estar físico, mental, psicológico, social, cultural e espiritual. Colocou em risco a própria vida. Essa lógica atua como um pânico silencioso que esfria os sentimentos de todos, e transforma as relações humanas em apenas ligações apáticas de palavras, que não comunicam muito de substancial, de significativo para a realização humana, e para a qualidade de vida. Ressalte-se que nós merecemos um destino melhor, precisamos beber de outras fontes para encontrar uma luz que ilumine nosso caminho e nos pinte um novo horizonte de esperança (BOFF, 1999).

Assim, a temática ética no cuidar não é apenas oportuna, mas sua discussão é fundamentalmente necessária no contexto da academia, dos serviços de saúde e da sociedade como um todo, para estimular o desenvolvimento de uma consciência do cuidar, apontando uma abordagem transdisciplinar do conhecimento na busca da humanização nas relações entre as pessoas, como abordam Maria do Socorro de Soares e Carlos Bezerra de Lima (2005) no livro *Grito de Dor e Canção de Amor*.

ÉTICA E SUAS SIGNIFICAÇÕES

Para abordar a temática ética no cuidar, deveríamos nos perguntar antes de tudo, o que é ética? Qual sua contribuição para reverter a lógica do prazer e do ter, responsável pela crise civilizatória? Ao que poderíamos responder: Ética é a arte de viver bem, conforme afirma Betuel Cano (2003), em seu livro *A alegria de ser uma pessoa com dignidade*.

A ética reúne um conjunto de conhecimentos fundamentados em princípios e valores aplicados nas relações humanas, visando a uma convivência feliz, em paz, como aborda Emerson Barros (2002), no livro de sua autoria, *Ética - instrumento de paz e justiça*.

Sob essa perspectiva, um indivíduo ético seria a pessoa que tem percepção dos possíveis conflitos que emergem entre os sentimentos e os valores aceitos pela sociedade, julgados pela sua consciência. Assim, podemos afirmar que a ética ensina a viver. Isso a evidencia como práxis, e não apenas teoria. Consiste em estudo sistemático das dimensões morais, incluindo a visão, a decisão, a conduta e as normas das ciências da vida e da saúde. Implica a utilização de uma variedade de metodologias éticas em um contexto interdisciplinar.

O NOVO PARADIGMA CIVILIZATÓRIO

No atual contexto social, questões de ecologia, ética e espiritualidade são recorrentes nos debates dos últimos tempos, pois refletem a crise de civilização pela qual estamos passando. Ressalte-se que, questões de ecologia, ética e espiritualidade visam oferecer elementos para um novo paradigma civilizatório que está emergindo e que pode dar sentido à nova fase da humanidade, a fase planetária, conforme afirma Leonardo Boff (1999) em seu livro *Ética da Vida*.

Leonardo Boff adverte que, todos os saberes, todas as instituições e caminhos espirituais são convocados a oferecer sua contribuição, convocados a produzir luz, para iluminar reflexões acerca de violência, de corrupção, poderio, libertinagem, irresponsabilidade, delinquência, desamor, desafeto que comprometem a vida no atual contexto social. Portanto, um contexto que clama por cuidados, principalmente, visando uma mudança de postura com mais dignidade.

No atual contexto social, a saúde é uma esfera diretamente atingida pelo decadente estado de significados. Um contexto em que, as relações que se estabelecem no processo de cuidar, ao invés de promoverem bem-estar, felicidade e qualidade de vida, vêm gerando medo, insatisfação, sofrimento e dor. Trata-se de uma urgente temática que põe em pauta a necessidade do profissional tomar consciência da importância do cuidar, que implica a humanização em suas ações, fundamentalmente, na relação profissional e paciente.

HUMANIZAÇÃO NA ASSISTÊNCIA

Particularmente na área de saúde, ao que podemos perceber, é uma discussão que denota insatisfação quanto aos cuidados prestados, quanto à relação entre o profissional que cuida e a pessoa por ele cuidada. Tais discussões ocorrem sob a perspectiva da humanização, que exige mudança nas características da relação profissional versus paciente, visando de modo especial à satisfação deste último e, por extensão, a satisfação do profissional e da sociedade como um todo.

No contexto dos serviços de saúde, a primeira impressão que o tema **humanização na assistência** causa é de estranheza, pois a assistência realiza-se através de uma relação que se estabelece entre dois seres humanos. Assim, essa relação já não estaria humanizada? Ressalte-se que, esse problema deve ser enfrentado com cautela, pois ainda há necessidades de fundamentação teórica.

Contudo, essa temática deve ser encarada com seriedade, mas também entendida com entusiasmo acadêmico, pois representa um avanço na sofisticação das ciências da saúde. Essa temática abre um leque de discussões e oportunidades de estudos, que dão ânimo às atividades acadêmicas. O fato é que levanta a necessidade de aproveitamento de outros saberes, a exemplo dos saberes da filosofia, das ciências sociais e de outras áreas, necessariamente na interdisciplinaridade.

Portanto, a relação entre o profissional de saúde e a pessoa por ele cuidada sob o conceito de humanização na assistência poderia ser concebida como um ato de cuidar que se materializa em condições humanas, desenvolvida com amor, ternura, afeto e compaixão. Talvez assim se explique a inquietação em torno do tema **humanização na assistência**, até porque, se colocando nessa relação na condição de paciente é possível compreender que a discussão é pertinente.

A RELAÇÃO INTERSUBJETIVA ENTRE PACIENTE E PROFISSIONAL

A condição de ser paciente coloca a pessoa como objeto e não como sujeito no processo de cuidar em saúde. Na realidade percebe-se que na referida relação coloca-se de um lado o profissional que sabe, que decide e age, e do outro lado fica a pessoa sob seus cuidados, que se entrega ao profissional passivamente, objetivado, coisificado, paciente. Como paciente nessa relação, submete-se a todas as possibilidades que o termo permite. Assim, a humanização na assistência só será possível desconstruindo a condição de paciente para construir um novo personagem - sujeito ativo, participativo no processo de cuidar, sendo respeitado e valorizado em seus conhecimentos, sentimentos, medos, insegurança, valores, vontade e tomada de decisão na relação terapêutica.

Para essa construção é preciso transformar a visão que o profissional tem do cuidar, fazendo-o perceber que essa relação não é de dualidade, mas de unidade. Não permite o trabalho de fazer uso de uma técnica direcionada ao objeto que é o paciente, indiferentemente à técnica e ao próprio objeto. Significa muito mais que isso, é pensar a técnica tendo como pressuposto o usuário enquanto sujeito, que recepcionará a técnica de determinado modo, sendo também agente ativo no processo.

Implica pensar que o profissional que cuida na saúde tem como requerimento fundamental, não só o conhecimento e a técnica, mas a empatia com o outro, até porque o conceito de saúde tem esse

entendimento como muito especial. A relação cartesiana de sujeito objeto é substituída pela relação intersubjetiva, que age não mais como um distanciamento de dois elementos, mas como um organismo que tem ânimo próprio.

Nessa unidade, a esfera profissional deixa de ser entendida como isolada do paciente, mas formando uma unidade inseparável e elementar na dimensão da pessoa sob seus cuidados, exige que construa uma relação de conhecimento recíproco, de compromisso, de afeto, de respeito à dignidade do outro, e de valorização. Uma relação que possa promover bem-estar físico, mental, psicológico, social, cultural e espiritual.

CONTRIBUIÇÕES DA BIOÉTICA

Esse novo tema representa à ciência a oportunidade de pensar com muito mais delicadeza, a intersubjetividade e o perigo do tecnicismo. Esses dois elementos entram em cena pondo a discussão do tema: ÉTICA NO CUIDAR em uma complexa teia de assuntos interdisciplinares, acentuando a necessidade de preparo teórico em grandezas superiores ao simples manuseio de conceitos limitados a um determinado campo, e à prática de determinados procedimentos que possam penetrar o âmbito da vida. Implicam subjetividade, conhecimentos e procedimentos interdisciplinares. Surge, assim, a BIOÉTICA (SEGRE; COHEN, 2002).

A Bioética é ao mesmo tempo uma disciplina acadêmica e um movimento cultural, fruto das repercussões sociopolíticas e culturais do desenvolvimento técnico-científico e político-social ocorrido na segunda metade do século XX, a partir da ética aplicada: Os Códigos de Deontologia, os Códigos de Ética dos Profissionais.

A Bioética teve seu nascedouro nos Estados Unidos da América como parte de um movimento social que pretendia conciliar o desenvolvimento das ciências que apresentavam alto potencial de interferência na vida humana e na natureza, em interface com os valores éticos e humanitários, como abordam Débora Diniz e Dirce Guilhem, no livro O Que é Bioética.

Em outros termos, Bioética seria uma abordagem direcionada a deslocar a ética dos problemas gerados pelo tecnicismo do atual contexto social, pondo-a em preocupação com a vida, com a humanização, com a ecologia. Seria o estudo sistemático das dimensões morais, incluindo a visão, a decisão, a conduta e as normas das ciências da vida e da saúde, utilizando uma variedade de metodologias éticas em um contexto interdisciplinar, como aborda (LOLAS, 2005).

A Bioética, ou Ética da Vida tem como objeto de estudo o cuidar, zelar e promover dignidade humana e qualidade de vida. Portanto, um significativo problema de saúde pública que clama urgentemente por ações de beneficência (FORTES; ZOBOLI, 2004). Tem como meta: aproximar, o máximo possível, as pessoas da felicidade. A partir destes pressupostos, cabe aos profissionais fazer com que a Bioética se torne um instrumento legítimo, e cabe à sociedade como um todo usar adequadamente este instrumento.

Sob essa perspectiva, surgem os Comitês de Ética em Pesquisa, nos quais a atividade de investigação que venha a envolver direta ou indiretamente seres humanos, atualmente está regulamentada na Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (LIMA, 2015).

A ECOLOGIA E SUAS DIMENSÕES

Questões de dignidade humana e qualidade de vida implicam ética no cuidar e são abordadas por Leonardo Boff (1999) em seu livro *Ética da Vida* como inerentes à ecologia, que se apresenta em quatro dimensões: Ecologia Ambiental, Ecologia Social, Ecologia Mental, e Ecologia Total.

A Ecologia Ambiental preocupa-se com o meio ambiente, para que não sofra excessiva desfiguração. Visa à qualidade de vida, a preservação das espécies ameaçadas de extinção e a permanente renovação do equilíbrio dinâmico. Procura aplicar tecnologias novas menos poluentes, para cuidar do planeta como um todo, procurando poupá-lo de graves riscos de destruição.

A Ecologia Social visa o ambiente total. Procura inserir o ser humano e a sociedade dentro da natureza como partes diferentes dela. Considera o homem o ser mais complexo e singular da obra da criação, sendo parte e parcela dela. A Ecologia Social tem como meta o desenvolvimento sustentável.

Ecologia Mental, também chamada de ecologia profunda considera que a realidade empírica reflete o tipo de mentalidade que vigora. Sob os reflexos dos princípios fundamentais da ética, há em nós o instinto da pacificidade e da violência. Uma violência que se manifesta de forma explícita ou velada. A explícita assusta, aterroriza e destrói; a velada desvia o foco de atenção, age sutilmente e destrói.

A Ecologia Integral volta-se para a natureza e para o ser humano. Ambos reagem à forma como são cuidados. O homem sente, pensa, ama, chora e venera. A natureza sente, manifesta reações de acordo com a forma como é cuidada, com equilíbrio dinâmico ou com desequilíbrio. Nisso se revela a urgente e importante prática da Ética no Cuidar. A partir dos princípios da beneficência, não-maleficência e valorização da vida, fundamentais para que pratiquemos a ética no cuidar, deixo uma questão para

reflexão: Que contribuição eu posso dar, você pode dar para reverter a caótica situação de crise na sociedade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética no cuidar delimita uma área de conhecimento bastante complexa. Sua abordagem demanda a experiência da transdisciplinaridade, portanto, um desafio para os profissionais de saúde, pois o tema está pleno de significações e se faz presente no dia-a-dia da prática assistencial dos mesmos. Assim, os profissionais de saúde precisam valorizar e envolver-se neste assunto, urge abrir discussões e promover reflexões, para que possam se voltar mais para sua essência, discutir o cuidar sob nova perspectiva – humanização - buscar o conhecimento e aplicabilidade de grandes e valiosas teorias que possam dar sustentação à ética no cuidar.

Tais teorias podem até contrapor os padrões de conhecimento puramente técnico e estético, levando em consideração intuição, sensibilidade, a simplicidade e virtudes como a solidariedade, a justiça, a ternura e o amor. Tudo isso envolve enormes responsabilidades e compromisso, particularmente dos profissionais de enfermagem, pois são os que dedicam maior tempo ao cuidar. Um cuidar que demanda devoção e preparo, aspectos que se podem traduzir em competências e habilidades.

REFERÊNCIAS

CANO, Betuel. Ética: arte de viver. A alegria de ser uma pessoa com dignidade, volume 1, 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

AGUIAR, Emerson Barros de. Ética - instrumento de paz e justiça. João Pessoa: Tessitura, 2002.

DINIZ, Débora; GUILHEM, Dirce. O que é Bioética. São Paulo: Brasiliense, 2002 BOFF, Leonardo. Ética da Vida. Brasília, DF: Letraviva, 1999.

FORTES, P. A. C.; ZOBOLI, E. L. C. P. Bioética e Saúde Pública. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004).

LIMA, C.B. Dispositivos legais norteadores da prática da enfermagem. 3 ed. João Pessoa (PB): Carlos Bezerra de Lima, 2015.

Lolas, Fernando. Bioética – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2005 SEGRE, Marco; COHEN, Claudio. Bioética, 3 ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SOARES, Maria do Socorro; LIMA, Carlos Bezerra. Grito de Dor e Canção de Amor: visão humanística da AIDS na perspectiva da espiritualidade. João Pessoa: Universitária, 2005.

Capítulo 4

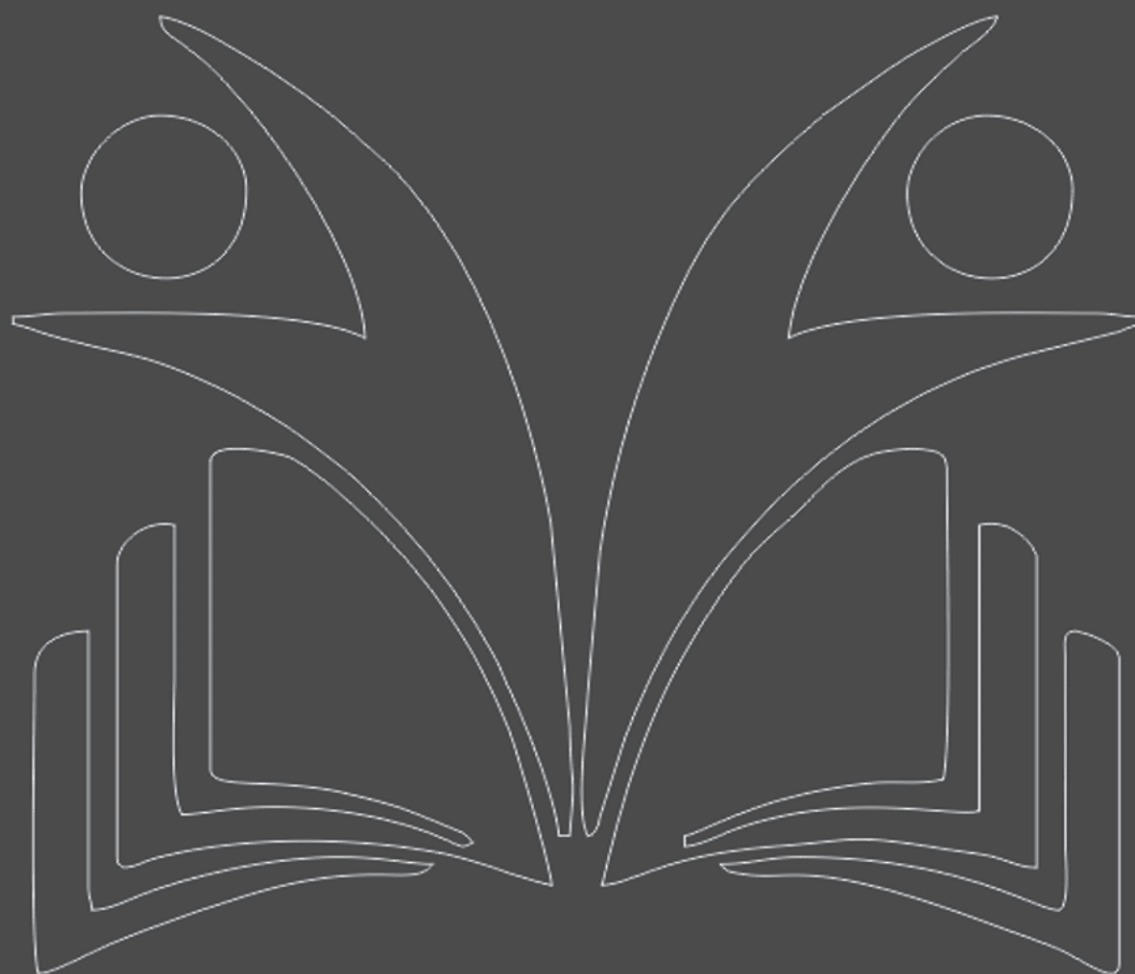


10.37423/220305606

NOS PORÕES DO ILUMINISMO: O SENTIDO DA FUTUROLOGIA SOCIOPOLÍTICA PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Maxmiliano Martins Pinheiro

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro /
Universidade Candido Mendes (IUPERJ)*



INTRODUÇÃO:

Uma pessoa com formação no ensino superior, sobretudo nas áreas de humanidades, sabe perfeitamente como a instituição universitária tende a selecionar autores descortinando uma preferência que, muitas vezes, nos transmite uma preocupação por obras escolhidas, como se estas ilustrassem uma qualidade superior concernente ao trabalho acadêmico. Destarte, essa atitude fomenta não apenas a reputação de uma autoria que supostamente determinaria a qualidade do texto produzido, como também censuras às produções consideradas “superficiais” por usufruírem demasiada estima pelo grande público. Durante minha extensiva formação em Letras, muitas vezes me deparei com posições que naturalizavam, e ao mesmo tempo, sublinhavam a existência de “obras eruditas” e de “obras vulgares”, assim como de “bons autores” e “autores superficiais”, como se houvesse uma fronteira intransponível que separasse esses “dois universos distintos”. Do mesmo modo, ao me aproximar das Ciências Sociais, nos cursos de pós-graduação, percebi que esse mesmo preconceito fazia parte desse outro setor do meio acadêmico.

Dada essas considerações, o objetivo central deste artigo é investigar, no campo da sociologia e da educação, a funcionalidade da futurologia sociopolítica, tanto como literatura sociológica, quanto sinalização dos futuros processos educacionais necessários para a sociedade contemporânea. Para efetuar tal finalidade, o primeiro objetivo específico consiste em analisar como este discurso sociológico, por meio das obras de Alvin Toffler, Domenico de Masi, Peter Drucker e Adam Schaff, desvela alguns vínculos com uma concepção iluminista do porvir humano, pois ao mesmo tempo em que procura elucidar as mudanças atuais como meio de adaptar os indivíduos, rechaçam algumas concepções céticas da pós-modernidade quanto ao futuro; em seguida, o presente trabalho almeja examinar como cada um dos autores mencionados concebe a educação como veículo capaz de viabilizar novas perspectivas diante das mudanças bruscas e, muitas vezes, turbulentas propiciadas pelo desdobramento do capitalismo entre as últimas décadas do século XX e o início do século atual.

O VERNIZ ILUMINISTA DA FUTUROLOGIA SOCIOPOLÍTICA

Considerados superficiais por muitos acadêmicos, uma vez que a demasiada simplicidade de seus discursos assim como a popularidade de suas obras imputou-lhes esta pecha, Alvin Toffler, Domenico de Masi, Peter Drucker e Adam Schaff, desvelam em suas leituras de mundo confluências que merecem ser ressaltadas. Com efeito, suas respectivas obras intituladas **A Terceira Onda**, **A Sociedade Pós-Industrial**, **Sociedade Pós-Capitalista** e **Sociedade Informática** propiciam uma compreensão

histórica da transição da sociedade industrial para a pós-industrial (ou de conhecimento) e apelam para mudanças nos paradigmas educacionais a fim de inserir os indivíduos em meios sociais propensos a uma contínua transformação. Torna-se oportuno salvaguardar de antemão que, embora esses autores sejam discriminados no campo das ciências sociais (o mesmo não ocorre nas áreas de administração, economia e informática), todos eles tiveram justamente a academia como instrumento de carreira profissional. Neste tópico, a meta é examinar como os textos de Toffler, Masi, Drucker e Schaff, cada um a seu modo, descortinam um aspecto iluminista que concebe o progresso histórico não só como manifestação das relações socioeconômicas, mas também como possibilidade no jogo das ações humanas, erodindo concepções contemporâneas que recrudescem o ceticismo e as incertezas perante o futuro.

Há na contemporaneidade uma conotação sociológica, denominada “pós-modernidade”, que enrijece a fragmentação social, aposta na oposição a qualquer valor universal, exalta a diferença para olvidar qualquer consenso, por conseguinte, deixa as ações sociopolíticas sem quaisquer horizontes futuros. David Harvey (2009) assinala que o pensamento pós-moderno enfatiza o efêmero, o fragmentário, o caótico e o descontínuo como qualidades reais, não procurando transcendê-las, mas, ao contrário, submetendo às fragmentárias e caóticas correntes de mudança, e condenando as chamadas “metanarrativas”, isto é, modelos interpretativos que reivindicam totalizações. Consequentemente, a retórica pós-moderna oblitera as vozes que pleiteiam acessos universais de poder, colocando-as no gueto da localidade e alteridade opaca, evitando o enfrentamento das condições econômicas e políticas impostas pelo poder global (HARVEY, 2009). Ademais, existem leituras pós-modernas que chegam ao ponto de deslegitimar o real e o social. Para Jean Baudrillard, a vida contemporânea descartou a função dos signos com qualquer contato verificável com o mundo que supostamente representam, e fez com que toda realidade fosse desconstruída e refeita como um escrupuloso simulacro (CONNOR, 2000). O mesmo se verifica em relação ao social, uma vez que as identidades, opiniões e desejos das pessoas na sociedade são resultados de representações produzidas pelo simulacro. Sendo assim, as massas só replicam as recusas de se formarem a não ser sob o efeito da simulação, colocando a sociedade no processo de extinção do social como algo real (CONNOR, 2000). Destarte, tal ceticismo perante o social, oriundo de um realismo que sublima um objeto em constante desconstrução, negligencia tanto os problemas humanos advindos do capitalismo, como o próprio processo de reconstrução capitalista.

Apesar das obras de Toffler, Masi, Drucker e Schaff terem surgido no bojo da pós-modernidade, desvelando até mesmo características desse momento histórico, suas leituras compartilham de um aspecto iluminista que lhes é muito peculiar. Retomando o pensamento de Condorcet, vale destacar sua observação a despeito do progresso do espírito humano que, sendo decorrente das nossas faculdades, varia de acordo com o momento em que se encontra o indivíduo como entidade social. Dessa forma, o quadro histórico da humanidade está sujeito a contínuas mudanças, considerando as diferentes épocas das sociedades humanas, as modificações que a espécie humana recebeu, sendo esta renovada sem cessar, os esforços do pensamento humano em seguir uma marcha em direção à verdade ou à adaptação, e o fato da própria perfectibilidade ser algo realmente indefinido (CONDORCET, 2013). Constata-se assim que o gênero humano, por meio de sua inteligência e atividade, além de buscar um aperfeiçoamento evolutivo, almeja mudanças na sua organização social e política conforme as situações inusitadas que demandam mudanças paradigmáticas.

Em suas considerações sobre o futuro, Alvin Toffler em **A Terceira Onda** patenteia alguns vínculos com o pensamento contemporâneo pós-moderno, uma vez que assevera a fluidez e as surpresas do futuro, visto que este é construído através das decisões inconstantes e mutáveis da vida humana que possui conflitos, contradições e reviravoltas (TOFFLER, 2003). Com efeito, a leitura sociológica de Toffler desvela uma forte afirmação da descartabilidade de bens materiais produzidos e valores humanos, pois a efemeridade passa a nortear os indivíduos, como também reforça a perspectiva da quebra de consenso em prol da diversidade de valores numa sociedade fragmentada (HARVEY, 2009). No entanto, observando alguns aspectos do pensamento de Toffler, sobretudo no que tange à passagem da Segunda Onda para a Terceira Onda que ilustra a trajetória da civilização quanto às mudanças e necessidades que surgem, verifica-se a retomada de uma postura iluminista ao pleitear por uma nova síntese no conhecimento humano em contraposição à fragmentação atual e por uma busca em relação ao futuro como aperfeiçoamento e compreensão das mudanças que envolvem a vida humana:

A civilização da Segunda Onda deu uma ênfase extremamente pesada à nossa capacidade de dismantelar problemas em seus componentes; recompensou-nos com menos frequência pela habilidade de combinar as peças novamente. A maioria das pessoas são culturalmente mais hábeis como analistas do que sintetizadoras. Esta é uma razão por que nossas imagens do futuro (e nós mesmos nesse futuro) são tão fragmentárias, casuais... e erradas. Nossa tarefa aqui será pensar como generalizadores, não especialistas.

Hoje eu creio que nós estamos à beira de uma nova idade de síntese. Em todos os campos, das ciências pesadas à sociologia, à psicologia, e à economia – especialmente economia – estamos provavelmente para ver um retorno ao pensamento em grande escala, à teoria geral, à recomposição das peças. Pois

está começando a nos parecer que nossa ênfase obsessiva no detalhe quantificado sem contexto, em mediação cada vez mais detalhada dos problemas cada vez menores, levou-nos a saber cada vez mais sobre cada vez menos.

Por conseguinte, nossa abordagem no que se segue será olhar para aquelas correntes de mudança que estão abalando nossas vidas, revelar as conexões subterrâneas entre elas, não simplesmente porque cada uma destas é importante em si, mas por causa da maneira como estas correntes de mudança correm juntas para formar rios de mudança ainda maiores, mais fundos, mais rápidos que, por sua vez, correm para algo ainda maior: a Terceira Onda. (TOFFLER: 2003, p. 137-138)

Domenico de Masi, por sua vez, embora não sublinhe muito as contradições e fluidez das sociedades, ratifica a concepção que a partir do século XX a vida social dos seres humanos atravessou diversas transformações, podendo ser verificadas primeiramente no campo produtivo vinculado ao trabalho, perpassando pelo saber científico e desdobramento das ideias, e atingindo as ações políticas que se tornaram mais pluralizadas de acordo com o jogo de interesses de segmentos distintos e o próprio comportamento humano que projetou personalidades narcísicas. Abordando o surgimento de um novo perfil de trabalhador com o declínio do industrialismo na coletânea **A Sociedade Pós-Industrial**, Masi sustenta que:

Grosso modo, estes traços consistem numa concentração dos trabalhadores do setor terciário, em relação aos trabalhadores na indústria e na agricultura; em um declínio dos modelos de vida associados à fábrica e à grande indústria; no surgimento de valores e culturas centrados no lazer; em um papel central do conhecimento teórico, do planejamento social, da pesquisa científica, da produção das ideias e da instrução; em um declínio da luta de classes polarizada, substituída por uma pluralidade conflitos e de movimentos, também devido à presença de novos sujeitos sociais; no predomínio dos atributos caracteriais necessários narcisistas que suplantam ou integram os edipianos na estrutura de personalidades individuais. (MASI: 1999, p. 48)

Com base nessas observações, Masi depreende que essas transições que têm se efetuado desde o século XIX até o tempo presente, prenunciam o advento de uma sociedade pós-industrial que modifica não só a relação dos homens com o trabalho, mas as outras dimensões sociais. Constata-se um traço do iluminismo em seu pensamento, posto que emite uma justificativa para as mudanças operadas ao longo do processo histórico como exigência do gênero humano diante de suas readaptações. Com efeito, a sociologia de Domenico de Masi expõe em suas obras não somente salientam os saltos tecnológicos e científicos que marcam a transição da sociedade industrial para a pós-industrial, como também destacam o papel do lazer como uma das singularidades da sociedade pós-industrial, tornando-se um setor econômico dominante, conforme indicam as relações com o tempo e o espaço, já que no industrialismo só tinham valor o tempo do trabalho (MARCELLINO, 2004).

Peter Drucker em **Sociedade Pós-Capitalista** ressalta o papel do conhecimento como fator imprescindível para as transformações na sociedade e na economia. Escrutinando o fenômeno conhecido como “revolução gerencial”, Drucker sublinha que na contemporaneidade o conhecimento está sendo aplicado ao conhecimento, o que significa dizer que proporcionar conhecimento para perceber como o conhecimento existente pode ser melhor utilizado para gerar resultados caracteriza o motor gerencial indispensável à atividade humana (DRUCKER, 1993). Com efeito, Drucker compreende a sociedade pós-capitalista como um meio social dos trabalhadores não-manuais, isto é, dos trabalhadores do conhecimento e dos serviços, onde a gerência assume uma função primordial em todas as organizações, pois qualquer indivíduo responsável pela aplicação e pelo desempenho do conhecimento é um gerente (VERGARA, 1993). É propício observar na lógica desse autor como a visão de um “sujeito gerente” esvanece o caráter hierárquico concebido pela sociedade industrial, e como o advento de uma “sociedade pós-capitalista” consagra o conhecimento como o único meio primordial para propiciar novas dinâmicas sociais e econômicas, indicando um certo eco iluminista:

No início dos anos 50, a definição de gerente já havia mudado para alguém que “é responsável pelo desempenho das pessoas”. Sabemos hoje que essa definição é demasiado restrita. A definição correta de gerente é alguém que “é responsável pela aplicação e pelo desempenho do conhecimento”.

Esta mudança significa que hoje vemos o conhecimento como recurso essencial. Terra, mão-de-obra e capital são importantes, mas principalmente como restrições. Sem eles, nem mesmo o conhecimento pode produzir; sem eles, a gerência não pode desempenhar o seu papel. Mas onde existe uma gerência eficaz, isto é, a aplicação do conhecimento, sempre podemos obter os outros recursos.

O fato do conhecimento ter passado a ser *o* recurso, ao invés de *um* recurso, é torna nossa sociedade “pós-capitalista”. Este fato muda fundamentalmente a estrutura da sociedade. Ele cria dinâmicas sociais e econômicas. Ele cria novas políticas. (DRUCKER: 1993, p. 23-24).

Já Adam Schaff, em **A Sociedade Informática**, recorre às categorias marxistas como “base” e “superestrutura” no intuito de elucidar que as mudanças decorrentes da segunda revolução industrial, onde se insere a sociedade informática, se manifestarão não só na estrutura econômica das sociedades, como também nas formações sociopolíticas. É relevante examinar o que o autor entende em relação ao termo “formação” como totalidade que configura uma transformação nas diversas esferas do social, o que o associa de certo modo com a visão iluminista de mudanças ao longo do processo histórico:

Todo aquele que tem familiaridade com as categorias das ciências sociais e que conheça, ainda que superficialmente, a história do desenvolvimento social deve compreender claramente que as consequências da segunda revolução

industrial se manifestarão não na formação econômica da sociedade, mas também em suas formações social e política, o que significa dizer que irão se manifestar não apenas na base, mas também em sua superestrutura.

Da maneira como é utilizado aqui, o termo “formação” deve ser interpretado como totalidade das relações sociais definidas entre seres humanos (portanto sociais, econômicas, políticas, etc.) que formam determinado sistema. Isto significa que elas estão de tal modo ligadas entre si que a mudança num dos elementos do sistema produz mudanças nos outros elementos. (SCHAFF: 2016, p. 43)

Neste sentido, Schaff atenta ao fato de que a mudança atinge tanto o mundo tecnológico, como outras dimensões sociais. Quanto ao termo “segunda revolução industrial”, Schaff se refere à tríade microeletrônica, microbiologia e energia nuclear, todas ligadas à informática, como instrumento de uma alteração profunda nos sistemas sociais, econômicos e políticos das nações, procurando mostrar o sentido real do progresso, suas consequências e possibilidades de organização (AZEVEDO, 1996).

Em síntese, os trabalhos de Toffler, Masi, Drucker e Schaff figuram reflexões macrosociais que, apesar de exprimirem semelhanças com conotações pós-modernas, principalmente os três primeiros autores, esmaecem o ceticismo e as dubiedades em relação ao porvir humano, uma vez que suas leituras históricas salientam os processos evolutivos que perpassam a sociedade. Destarte, as obras **A Terceira Onda**, **A Sociedade Pós-Industrial**, **Sociedade Pós-Capitalista** e **A Sociedade Informática** descortinam um determinado aspecto do pensamento iluminista, uma vez que, no lugar de intensas desconstruções, fragmentações e incertezas que caracterizam a pós-modernidade, acenam para prerrogativas futuras que albergam a totalidade do gênero humano.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA FUTUROLOGIA SOCIOPOLÍTICA

Posto que as abordagens de Alvin Toffler, Domenico de Masi, Peter Drucker e Adam Schaff a despeito dos processos socioeconômicos já sinalizam o conhecimento como um fio condutor desses desdobramentos, nossa tarefa é investigar o papel que essas autorias atribuem à educação diante do futuro da sociedade no mundo contemporâneo.

Toffler contempla um modelo educacional cujo ensino ocorra em ambientes não apenas vinculados à sala de aula, mas principalmente para além dela, já que a educação tende a se tornar um mecanismo cada vez mais complexo, ou melhor, inserido no mundo do trabalho e intercalado com a própria vida humana em suas diversas esferas, demandando assim mudanças nas organizações da própria escola (alunos de diferentes idades numa turma e anos de estudo mais curtos):

Sob o efeito do longo empurrão, entretanto, podemos esperar também mudanças na educação. Ocorrerá mais ensino fora do que dentro, na sala de aula. Não obstante a pressão dos sindicatos, os anos de ensino compulsório irão ficando mais curtos, não mais longos. Em vez de uma rígida segregação da idade, os moços e os velhos se misturarão. A educação se tornará mais intercalada e mesclada de trabalho e mais disseminada através da vida. E o próprio trabalho – quer produção para o mercado quer prosumo para uso em casa – provavelmente começará mais cedo na vida do que começava na última ou duas gerações atrás. Justamente por tais razões, a civilização da Terceira Onda poderá muito bem favorecer traços completamente diferentes entre os jovens – menos receptividade para os pares, menos orientação-consumo e menos autodesenvolvimento hedonista. (TOFFLER: 2003, p. 378)

Conforme a descrição de Toffler a educação se encontra inserida num processo múltiplo e heterogêneo das ações humanas, pois a Terceira Onda, que pode ser interpretada como acepção de uma sociedade pós-industrial, graças às transformações trazidas pelas informações e tecnologias, solapa cada vez mais as padronizações e massificações imputadas pelo meio social. Portanto, quanto mais as instituições se liberam dos condicionamentos do mercado e dos mecanismos oriundos da sociedade industrial, mais eficazes se tornam, uma vez que as necessidades dos indivíduos se diferenciam cada vez mais, tornando inviáveis os programas que procuram padronizar a realidade (MERLI, 1999). É nesse contexto que entra em cena a educação como veículo empreendedor de novas e diferentes aprendizagens, empregando os mais variados métodos e tecnologias, para suprir esse processo de autonomia dos seres humanos.

Domenico de Masi, apesar de ser um crítico de Toffler, assume um posicionamento semelhante ao refutar os modelos programáticos que procuram impor consensos e padrões homogêneos perante o futuro, sobretudo no que concerne às disputas das decisões. Examinando o papel dos consumidores quanto à dependência na esfera socioeconômica, Masi assevera que os consumidores podem propor modelos alternativos, na sociedade pós-industrial, mas que tais alternativas só podem ser alcançadas com o auxílio de segmentos intelectuais através das capacidades criativas inerentes aos seres humanos:

O modelo correto consiste em contrapor aos modelos programados pelos dirigentes (e que os dirigentes tentam apresentar como os únicos modelos possíveis), modelos alternativos elaborados pelos consumidores.

Se o mínimo denominador comum de todas as ações dirigentes consiste no procedimento pelo qual os modernizadores obtêm a produção programada, cada um em sua esfera específica, o mínimo denominador comum de todas as ações contestadoras deve consistir no procedimento pelo qual os usuários contrapõem, aos modelos que lhes são impostos, contramodelos por eles elaborados.

Entretanto, para elaborar os contramodelos, os usuários precisam poder contar com o apoio de cientistas e de intelectuais capazes, com sua atividade inventiva, de demonstrar aos dirigentes que não existe apenas a solução imposta por eles, mas que é possível encontrar um número infinito de outras soluções, muito melhores. (MASI: 1999, p. 76)

Pode-se inferir que o papel da educação é o de promover um novo cenário por meio do ingresso de atores sociais cujas proficiências intelectuais propiciam, num ambiente movido de disputas de decisões, soluções alternativas indispensáveis respeitando a heterogeneidade de diferentes estratos sociais, a fim de contrapor aos padrões hegemônicos instituídos. Outra característica importante da futurologia sociopolítica de Masi é a ênfase que atribui ao papel do ócio como elemento relevante da sociedade pós-industrial. Embora saliente os males deixados pelo colapso do industrialismo como o desemprego e o resultante aumento da violência, o autor ressalta que esses problemas podem ser superados através de uma transformação radical do tempo livre, reciclando assim os indivíduos e tornando este tempo disponível, isto é, o ócio, uma formação continuada das suas vidas (MASI, 1999). De fato, o autor concebe o ócio como algo conciliador ao trabalho, não como um elemento oposto, que deve ser valorizado como instrumento de renovação não só relativa ao trabalho, como também às mudanças econômicas e à própria condição humana que exige uma regeneração da mente e do corpo (MARCELLINO, 2004). Portanto, a educação se insere nessa nova configuração do ócio, visto que esse tempo aciona as potencialidades intelectuais humanas mediante diferentes prospectos sejam eles coletivos ou individuais.

Peter Drucker, por sua vez, procura focalizar mais a postura das escolas no meio social. Para ele, as escolas não mais as instituições centralizadoras nas sociedades, mas sim nichos educacionais que propiciam parcerias com outras agremiações de ensino que não estão sob o seu domínio exclusivo (DRUCKER, 1993). Com efeito, a sociedade pós-capitalista contemplada por Drucker fomenta a ruptura de um conhecimento circunscrito às fronteiras de um saber específico, colocando-o ao alcance de todos. Por isso, mesmo necessitando de uma educação formal, adquirida nas escolas, na sociedade do conhecimento, inaugurada pela contemporaneidade pós-capitalista, a educação não se encerra onde começa o trabalho, ela não tem mais fim, visto que o conhecimento passou a tomar o lugar de principal recurso econômico (SOUSA & SILVEIRA, 2010). Foi visto anteriormente que a concepção do trabalhador como “gerente” do conhecimento requer mudanças paradigmáticas nas estruturas empresariais porque o conhecimento torna-se disponível a todos aqueles que pretendem estabelecer diretrizes e resultados em seus trabalhos. De acordo com o próprio Drucker, o ensino assumirá uma

dimensão cada vez mais abrangente, cabendo às escolas e às empresas firmarem parcerias em prol do desenvolvimento intelectual contínuo do trabalhador contemporâneo:

O que ainda não aconteceu é uma parceria formal entre as escolas e as instituições empregadoras. Na Alemanha, as escolas e as empresas trabalham em conjunto há mais de cento e cinquenta anos nos programas dos aprendizados dos jovens. Mas as escolas e instituições empregadoras precisarão, cada vez mais, aprender a trabalhar em conjunto também na educação avançada de adultos. Esta tarefa – seja a educação avançada para pessoas altamente instruídas, ou educação complementar para pessoas que, por qualquer motivo, não tiveram acesso ao ensino superior na juventude – será realizada em todos os tipos de parcerias, alianças e interações nas quais as escolas e outras organizações puderem trabalhar em conjunto. (DRUCKER: 1993, p. 161)

Deve-se acrescentar que, consoante a visão de Peter Drucker, está implícita ideia de que a escola atravessa um período de descentralização, inclusive do próprio saber, considerando que esta instituição precisa cada vez mais do vínculo com outras organizações sociais para legitimar sua função na sociedade, já que ela tem perdido seu monopólio como provedora de ensino.

É interessante constatar que Adam Schaff defende em seu raciocínio argumentos similares com o de Drucker, sobretudo no que tange a uma educação permanente que prepare os cidadãos às mudanças decorrentes da sociedade informática. Entretanto, Schaff não sucumbe a uma lógica neoliberal que privilegia prioritariamente a participação dos setores do capital privado, advogando em contrapartida uma participação mais efetiva das autoridades governamentais, ou seja, dos dispositivos estatais:

O que irei propor será apenas um esboço para provar que a ideia é realista e factível. O ponto de partida de uma análise posterior é que a educação permanente deveria ser um dever social como o é hoje a escola obrigatória (mesmo que a sua duração varie conforme o país). Esta deve ser sobretudo eficaz, um direito do qual não se possa abrir mão; ao mesmo tempo, é essencial eliminar a situação desmoralizante que se criou, especialmente entre os adultos, quando se recebe algo da sociedade (e não propriamente uma bagatela) sem apresentar serviço ou produto algum em troca. Tudo isto é óbvio para o trabalho remunerado; o mesmo deveria ocorrer com qualquer outra ocupação substitutiva. (...) Acredito que uma tarefa do gênero deveria ser conferida a autoridades governamentais locais. (SCHAFF: 2016, p. 125-126)

Verifica-se que Schaff pleiteia em sua futurologia que a educação deve ser efetuada para evitar um mal-estar social oriundo da escassez de trabalho formal que foi resultado das mudanças das tecnologias de produção. Portanto, a educação deve auxiliar a busca de ocupações dignas para as pessoas que foram vítimas do desemprego estrutural. Cumpre acrescentar que a obra de Schaff destaca que com o desaparecimento das antigas estruturas de classe mediante as transformações tecnológicas, podem surgir outras estratificações sociais, como a dos possuidores do saber e os

desprovidos do mesmo, alterando assim as estruturas de poder, cabendo aos educadores reflexões críticas de tais processos (AZEVEDO, 1996). Retomando ao papel da escola no social, Schaff sustenta que na sociedade informática as escolas comuns assumiriam programa de estudos modificados, colocando computadores à disposição dos alunos; a educação fundamental obrigatória e o ensino superior deveriam ser prolongados, com métodos profundamente modificados, a fim de que qualquer estudante formado pudesse gerir no campo das atividades as mais variadas competências (SCHAFF, 2016). Em suma, o autor reconhece que, nas sociedades atuais, o futuro reivindica uma contínua formação intelectual dos cidadãos, mas que seu acesso seja efetuado de forma mais igualitária, pois só assim poder-se-á suplantar as exclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante do desenvolvimento exposto, pode-se concluir que a ênfase numa leitura panorâmica da transição da sociedade industrial para a contemporânea, independente desta ser classificada como “terceira onda”, “sociedade pós-industrial”, “sociedade pós-capitalista” e “sociedade informática”, assim como a defesa da educação como ferramenta primordial de inserção futura do indivíduo na sociedade, ilustram características que distinguem a futurologia sociopolítica das teorias pós-modernas contemporâneas.

Com efeito, as obras de Alvin Toffler, Domenico de Masi, Peter Drucker e Adam Schaff, mesmo exprimindo aspectos em comum com a pós-modernidade, como as descentralizações, pluralidades, efemeridades e rupturas com paradigmas hierárquicos, ainda desvelam em suas literaturas futuroológicas, confluências com o pensamento iluminista. A primeira dessas similaridades consiste em compreender o desdobramento histórico das sociedades como fruto de um processo evolutivo que, com o auxílio do conhecimento e das ações humanas, prima por mudanças no meio social como reação às situações inusitadas que eclodem. Além disso, embora esses autores procurem romper com a ideia de um consenso, considerando a extensiva heterogeneidade do social, eles acabam sucumbindo a leituras macrossociais e universalistas que expliquem as transformações do mundo contemporâneo. Foi observado por intermédio das obras **A Terceira Onda**, **A Sociedade Pós-Industrial**, **Sociedade Pós-Capitalista** e **A Sociedade Informática**, esquemas interpretativos que articulam na análise discursiva descrições que propiciam uma apreensão macrossocial da contemporaneidade, olvidando dessa forma o discurso fragmentário da realidade sobre o qual apostam as concepções pós-modernas.

Observou-se também que a educação possui um papel de extrema relevância na futurologia sociopolítica. Através das perspectivas de Toffler, Masi, Drucker e Schaff, apesar das divergências notórias, o conhecimento não se esgota mais nas salas de aula, a escola deve adotar métodos alternativos de aprendizagem para responder às exigências mais emergentes de diferentes segmentos sociais, o indivíduo se tornou mais provedor do conhecimento e a educação verdadeiramente democrática deve proporcionar a todos o acesso ao saber e à formação. Por essas razões, a futurologia sociopolítica oferece, em contraposição ao ceticismo e à indefinição que figuram muitas posições pós-modernas, prerrogativas perante a adaptação dos seres humanos no turbilhão de mudanças engendradas pela sociedade contemporânea.

Talvez o fato dos textos de Toffler, Masi, Drucker e de Schaff ter sido escritos para o grande público explique não apenas a hostilidade que tiveram nos departamentos de ciências sociais da academia, que desde a década de 1990 têm se debruçado (embora nem todos os acadêmicos) nas autorias pós-modernas, mas também o rompimento teórico com determinados conceitos consagrados pelos pós-modernistas, tais como “simulacro”, “fragmentação”, “desconstrução”, uma vez que não seriam assimilados pelo conjunto social que procura orientações diante do futuro para amenizar seus dilemas no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. “Schaff, A. A Sociedade Informática”. In: Revista Educação em Questão, 6 (1): 199-201, jan/jun 1996.

CONDORCET, Jean-Antoine Nicolas de Caritat. Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

CONNOR, Steven. Cultura Pós-Moderna: Introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 2000.

DRUCKER, Peter. Sociedade Pós-Capitalista. São Paulo: Pioneira, 1993.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. “Lazer e trabalho no cotidiano da sociedade pós-industrial, a partir da obra de Domenico de Masi, publicada no Brasil”. IN: Licere, Belo Horizonte, v.7, n. 2, p. 73-85, 2004.

MASI, Domenico de (org.). A Sociedade Pós-Industrial. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

MERLI, Raffaello. “Toffler: a terceira onda”. In: MASI, Domenico de (org.). A Sociedade Pós-Industrial. São Paulo: Editora SENAC, 1999, p. 183-192.

SCHAFF, Adam. A Sociedade Informática. São Paulo: Brasiliense, 2016.

SOUSA, Thiago Carvalho de & SILVEIRA, Paulo Eduardo Azevedo. “A Sociedade Pós-Capitalista na Era do Acesso”. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br>

TOFFLER, Alvin. A Terceira Onda. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VERGARA, Sylvia Constant. “A sociedade pós-capitalista”. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br>

Capítulo 5



10.37423/220405663

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Cleoneide Moura do Nascimento

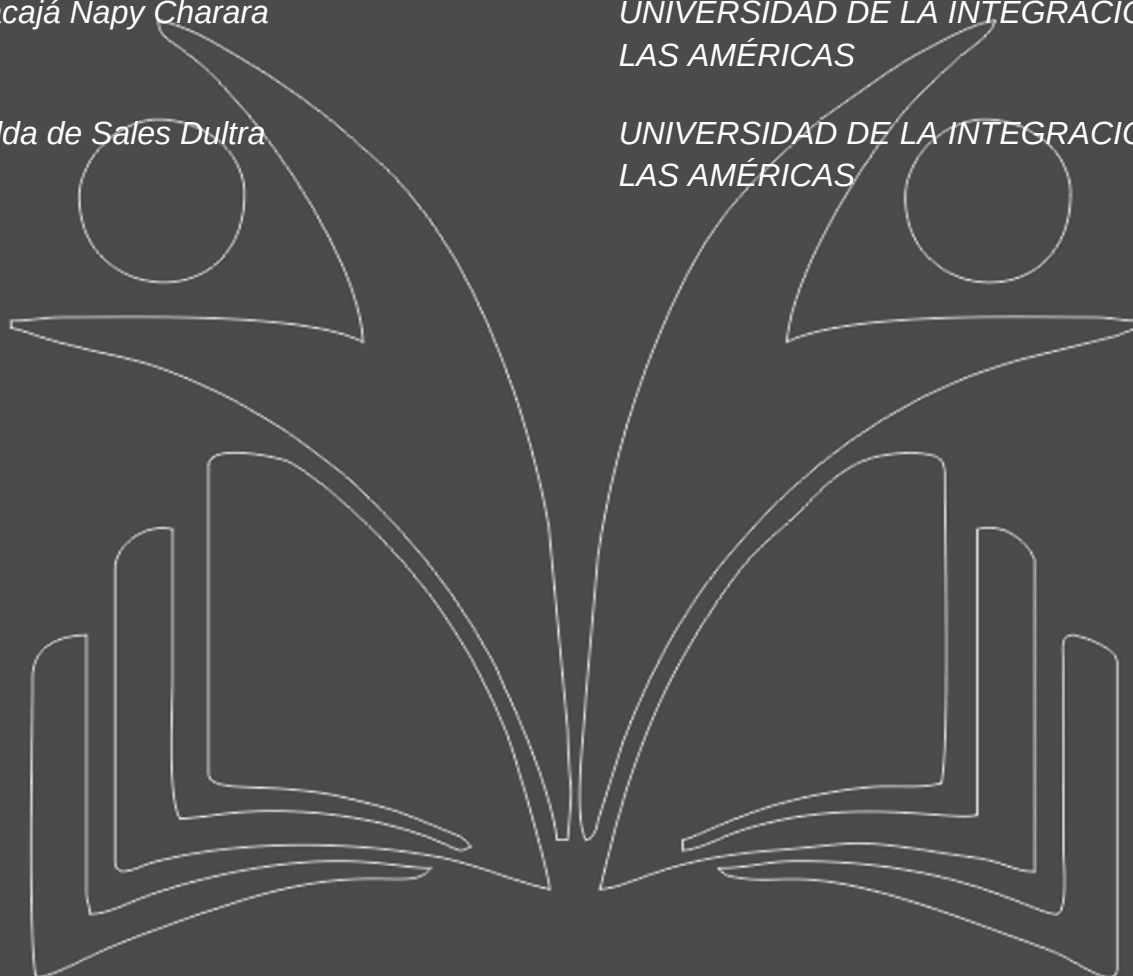
Faruk Maracajá Napy Charara

Sônia Ronilda de Sales Dutra

Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos

UNIVERSIDAD DE LA INTEGRACIÓN DE LAS AMÉRICAS

UNIVERSIDAD DE LA INTEGRACIÓN DE LAS AMÉRICAS



Resumo: A história mostra que a crise ambiental que vivenciamos hoje, teve seu início na década de 40, enfatizado principalmente pelo lançamento das bombas de Hiroshima e Nagasaki em 1945. Atualmente a temática ambiental desperta o interesse universal, no Brasil nossa constituição determina que, todos temos direito ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado. Este trabalho apresenta os resultados da realização de diversas ações educativas desenvolvidas com uma turma da EJA, visando desenvolver a percepção ambiental nos alunos de uma escola pública no município de Boa Vista-PB. A fundamentação teórica desse trabalho teve como principais autores como Bidone (1999), Calderoni (1998), Florentino (2012), Gadotti (2005), Gil (1999), Jacobi (2003), Passos (2005), entre outros. Para tanto se utilizou como pressupostos teórico-metodológicos elementos da Pesquisa Participante e da Fenomenologia, aplicando-se questionários mistos para investigação das concepções dos educandos sobre meio ambiente e o desenvolvimento de atividades lúdico-pedagógicas. Sobre os principais problemas ambientais, os alunos citaram o desmatamento, a poluição atmosférica causada por queimada e o lixo que correspondeu a 50% das respostas. Como resultado imediato percebeu-se uma sensível mudança no que se refere à concepção de Meio Ambiente dos alunos, no entendimento sobre os problemas ambientais do município as possíveis soluções para a minimização dos mesmos. Sobre o conceito de EA, os sujeitos da pesquisa acreditam na EA como mecanismo de mudança, assim como passaram a compreender a real importância desta no processo de sensibilização e mudança de atitude de cada indivíduo.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Resíduos Sólidos, Sensibilização ambiental.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a ação humana está tornando os ecossistemas cada vez mais sensíveis e dilapidados. Um dos maiores desafios está ligado à questão do manejo e disposição dos resíduos sólidos, pois sua produção aumenta constantemente e na maioria dos municípios brasileiros sua destinação é inadequada, causando diversos transtornos à sociedade e grande impacto ambiental.

O acúmulo de detritos domésticos e industriais não biodegradáveis na atmosfera, no solo, no subsolo, nos rios e riachos tem provocado danos ao meio ambiente (ABÍLIO, 2011, p. 54). De acordo com esta problemática a educação ambiental pode ser considerada como uma ferramenta importante na sensibilização da população e na minimização dos problemas ambientais causados pela alta produção de resíduos sólidos.

A lei 9.795 de 27 de abril de 1999 prevê que a EA é um ramo da educação que visa a difusão do conhecimento sobre o meio ambiente. A EA deve ser compreendida como elemento central, pois ela é pertinente a todas as áreas do conhecimento (BRASIL, 1999). Um dos objetivos da EA é formar cidadãos ativos que possam identificar os problemas e que tenham participação efetiva na observação, prevenção e solução, ajudando a conservar o patrimônio comum a todos que é o Meio Ambiente.

De acordo com Barreto, Araújo e Nascimento (2011, p. 459) a EA na EJA deveria ser inclusa não como uma ação curricular pontual, mas como política pedagógica consolidada e inserida de forma permanente na vida do estudante. Sendo necessária a contribuição desta diante de um processo interativo, participativo e crítico para o surgimento de uma nova Ética, estando vinculada e condicionada a mudança de valores, atitudes e práticas individuais e coletivas. Existem inúmeros exemplos que demonstram a eficácia da EA, em conjunto com outros instrumentos, na equação de problemas ambientais (ABÍLIO, 2011, p. 106).

Partindo da definição de Educação Ambiental segundo a PNEA (nº 9.795, de 27 de abril de 1999) em seu Art.1º defende que a Educação Ambiental corresponde aos processos nos quais o indivíduo e a coletividade constrói valores sociais, desenvolve suas habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, buscando a sustentabilidade e equilíbrio ambiental (BRASIL, 1999). Dessa forma a proposta de utilizarmos a EA como instrumento para a sensibilização da população teve como propósito demonstrar que é possível gerar mudanças positivas dentro deste cenário.

Nesta perspectiva as escolas são consideradas fontes multiplicadoras de conhecimentos, pois os alunos são os principais disseminadores de práticas ambientais, sendo agentes promotores da sensibilização e conscientização da sociedade.

Portanto, este trabalho apresenta uma proposta de promoção de mudanças através da cidadania e desenvolvimento da sensibilização ambiental no âmbito escolar, buscando ressaltar o conhecimento e a importância do Bioma Caatinga com os educandos da Escola Municipal Francisca Leite Vitorino, assim como implementar experiências de participação social que propiciem a vivência de comportamentos individuais e coletivos, promovendo o desenvolvimento de novas habilidades e competência no desenvolvimento no que se refere às questões ambientais e ao manejo e disposição dos resíduos sólidos, no âmbito escolar. Como objetivo geral esta pesquisa propôs-se a contribuir para o processo de sensibilização ambiental de educandos da EJA (8º e 9º anos) da Escola Municipal Francisca Leite Vitorino, Boa Vista-PB, referente à questão dos resíduos sólidos e suas problemáticas ambientais associados neste município. Além de analisar a percepção ambiental dos educandos sobre as temáticas ambientais (Meio Ambiente, Educação Ambiental, Bioma Caatinga) no município de Boa Vista – PB e investigar junto ao grupo de educandos da Escola Municipal Francisca Leite Vitorino os impactos ambientais no município de Boa Vista, enfatizando a questão dos resíduos sólidos e desenvolver vivências educativas, no espaço escolar, que promovam mudanças na maneira de nos relacionarmos com o meio ambiente.

METODOLOGIA

Tendo como base o aporte teórico lançado por Gil (2010) neste trabalho realizou-se uma pesquisa exploratória visto que teve a intenção de demonstrar a realidade do problema de forma mais profunda, tornando-o mais explícito e desenvolver de forma prática e crítica reflexões por parte dos educandos que contribuísse uma vivência cidadã.

Quanto ao objeto esta pesquisa foi de cunho bibliográfica visto que, foi utilizado material já elaborado constituído principalmente de livros, revistas, artigos científicos e materiais produzidos eletronicamente, cuja literatura traz todas as definições e contextos sobre o tema proposto. A partir desse disso, utilizou-se a fenomenologia das temáticas abordadas nos mais variados textos narrativos publicados em livros infantis e outras fontes de conhecimento.

Quanto aos procedimentos técnicos esta pesquisa caracteriza-se como quanti-qualitativa de acordo com a definição de Richardson (2008), visto que não se buscou meramente dados estatísticos, mas

uma leitura e reflexão da situação apresentado no município de Boa Vista. Para tanto fez uso imagens da realidade sobre a questão ambiental e do lixo do município de Boa Vista, através dos alunos da Escola Municipal Francisca Leite Vitorino. A priori foi aplicado um questionário fechado, em uma turma do EJA (Ensino de Jovens e adultos) - esta turma tinha 22 alunos -como pré-teste (antes de iniciar as oficinas e atividades pedagógicas), com a intenção de sondar seus conhecimentos sobre Educação Ambiental e resíduos sólidos. A posteriori foi realizado um novo questionário com esses mesmos alunos sobre a eficácia das diversas atividades utilizadas em âmbito escolar visando uma maior reflexão e crítica sobre a EA não somente no ambiente escolar mais em toda a comunidade de Boa Vista.

Foram realizadas aulas expositivas dialogadas sobre o manejo adequado dos resíduos sólidos, Educação ambiental e suas problemáticas ambientais do município. Com os seguintes procedimentos teóricos-práticos-metodológicos: Exposição dialogada sobre resíduos sólidos urbanos, estudo do meio, com visita ao local de destinação dos resíduos sólidos do município, discussão sobre redução, reutilização e reciclagem de materiais, produção de material com a realização de oficina utilizando jornais.

Desta forma o método utilizado nesta pesquisa teve um caráter indutivo visto que parte de uma percepção geral para o individual de acordo com GIL (2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando questionados sobre o conhecimento da existência de problemas ambientais no município de Boa Vista, no pré-teste, 77% dos entrevistados responderam sim e 23% não. Já no pós-teste, 86% responderam sim e 14% não.

Sobre os principais problemas ambientais existentes no município de Boa Vista-PB, os alunos citaram o desmatamento, a poluição atmosférica causada por queimadas e o lixo que correspondeu a 50% das respostas. É possível observar que no pré-teste o percentual referente a questão dos resíduos sólidos passou de 50% para 61%, demonstrando que os alunos percebem o lixo como principal problemática ambiental do município.

De acordo com Abílio (2011), é comum no Semiárido paraibano o depósito de lixos a céu aberto e a poluição no entorno dos rios. Bem como as queimadas. Essa prática contribui bastante para a redução da biodiversidade local e traz inúmeros prejuízos para a sociedade.

No que se refere à destinação dos resíduos sólidos urbanos, no pré-teste 45% dos educandos afirmaram que é realizada uma coleta pela prefeitura, 33% depositam os resíduos em terrenos baldios e 22% destes praticavam a queima desse material. Já no pós-teste 55% afirmaram destinar os resíduos para a coleta, 25% depositam o lixo em terrenos baldios, e 20% ainda praticam a queimada. Os dados demonstram a importância de trabalharmos a Educação Ambiental no universo escolar, pois de acordo com os percentuais apresentados nota-se uma resposta positiva ao trabalho de sensibilização ambiental desenvolvido juntamente com o alunado.

Quando questionados sobre o conceito de Meio Ambiente, no pré-teste 44% dos entrevistados afirmam ser natureza, outros 44% definem como lugar para viver e 12% não responderam. Já no pós-teste a categoria de MA como natureza corresponderam a 68% e 32% responderam lugar para viver. Nenhum aluno ficou sem responder no pós-teste.

É possível perceber que com o desenvolvimento das oficinas nenhum aluno respondeu não saber sobre o conceito de Meio Ambiente. Demonstrando a importância de trabalharmos temas referentes a educação ambiental no âmbito escolar, como podemos observar no quadro 01

Quadro 01 - Exemplo de respostas dos alunos da Educação de Jovens e Adultos 8º/9º ano da Escola Municipal Francisca Leite Vitorino, município de Boa Vista-PB, sobre o conceito de Meio Ambiente.

Categorias	Exemplo de Respostas
Lugar para viver	“É o meio em que vivemos juntamente os seres humanos, florestas, animais, etc.”
Natureza	“Florestas preservadas, rios e lagos, limpos e preservados”.

Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Com relação ao conceito de EA, no pré-teste 26% educandos afirmam serem preservacionistas, 42% como conservacionistas e 32% não sabe já no pós-teste, 47% são preservacionistas, 11%conservacionistas, 42%defendem a conscientização. Observamos que no pós-teste nenhum aluno afirmou não ter alguma concepção de MA, conforme apresentamos no quadro 02

Quadro 02 - Exemplo de respostas dos alunos da Educação de Jovens e Adultos 8º/9º ano da Escola Municipal Francisca Leite Vitorino, município de Boa Vista-PB sobre Educação Ambiental.

Categorias	Exemplos de Respostas
Conscientização	“É educar as pessoas para que não coloquem lixo nas ruas, em rios, para manter a cidade limpa
Conservacionista	“Não poluir, reciclar, evitar atos que agriam a natureza”.
Preservacionista	“Que todos devem preservar o Meio Ambiente”.

Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Em relação à concepção sobre lixo, no pré-teste 79 % dos alunos informou ser tudo aquilo que é descartado e 21% afirmaram ser sujeira. Já no pós-teste 59% responderam ser tudo aquilo que era descartado, 31% acreditam ser poluição e 10% sujeira.

Quando perguntados sobre que destino dado aos resíduos tóxicos como lâmpadas fluorescentes, pilhas e baterias, 68% afirmaram dar o mesmo destino dos demais resíduos, já 27% dos entrevistados afirmaram separar e colocar em local seguro, 5% deram como resposta outro destino (pré-teste). Já no pós-teste 37% responderam “separar para venda”, 5% afirmou devolver para destinação adequada e 58% responderam destinar juntos aos demais materiais na coleta.

Sobre os impactos causados pela má destinação dos resíduos sólidos domiciliares, 43% responderam ser poluição, 57% afirmaram não saber, (pré-teste), no pós - teste, 45% responderam poluição e 55% insetos. Um aspecto interessante é que enquanto no pré-teste 57% responderam não saber quais seriam os impactos causados pela má destinação dos resíduos sólidos, no pós-teste não houve nenhum aluno que não soubesse identificar algum tipo de prejuízo ou impacto causado pela a má destinação dos resíduos sólidos.

Quando perguntados se acreditavam que a Educação Ambiental poderia sensibilizar e provocar mudanças de atitudes para termos um ambiente saudável, no pré-teste 33% afirmam que sim e 67% não. Já no pós-teste 91% responderam sim e apenas 9% não.

Através dos instrumentos percebe-se uma visível mudança na percepção dos educandos sobre a importância da EA. Quando comparamos os dados do pré-teste e pós-teste. A maior parte dos alunos respondeu acreditar que a Educação Ambiental pode ser forte aliada como mecanismo de mudança da atual realidade.

Como parte final do questionário os alunos foram indagados se acreditavam que a Educação Ambiental poderia ser um mecanismo de sensibilização para a minimização dos problemas ambientais

do município de Boa Vista. No pré- teste 15 responderam sim e 7 não. Já no pós-teste 17 responderam sim e 5 não.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Foram desenvolvidas diversas atividades no ambiente escolar durante o período de desenvolvimento do trabalho. A primeira foi um momento de exposição dialogada sobre os problemas ambientais existentes no município de Boa Vista-PB, onde o grupo de alunos externou suas percepções acerca do assunto, citando as possíveis causas e buscando soluções para os problemas considerados mais urgentes, conforme podemos observar na Figura 01.

Figura 01 –Discussão em grupo sobre os problemas ambientais no município de Boa Vista - PB com os alunos do EJA.



Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Muitos alunos não tinham conhecimento de qual era o real destino dos resíduos domiciliares de seu município, durante a realização desta visita o grupo de alunos puderam constatar os verdadeiros riscos que estas formas de disposição dos resíduos provocam.

Como terceira atividade, foi realizada em sala uma oficina de jornais, foram distribuídos jornais impressos para os alunos, em seguida a turma foi dividida em grupos que prepararam cartazes com imagens e textos informativos sobre os impactos ambientais, posteriormente os trabalhos foram apresentados oralmente em sala, conforme podemos observar na **Figura 02**.

Figura 02—Produção de cartazes e apresentação de trabalhos



Fonte: (pesquisa de campo, 2017)

De acordo com os dados coletados muitos alunos não tinham conhecimento de qual era o real destino final dos resíduos domiciliares de seu município, durante a realização desta visita o grupo de alunos puderam constatar os verdadeiros riscos que esta forma de disposição dos resíduos provoca como mostra a **Figura 03**.

Figura 03 - Visita dos alunos da EJA a áreas de destinação de resíduos sólidos a céu aberto, do município de Boa Vista-PB.



Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Os alunos participaram de forma efetiva, discutindo a respeito do que venha a ser desenvolvimento sustentável, sugerindo mudanças simples de atitude que são bastante eficientes na preservação do Meio Ambiente. Como quarta atividade cinco alunos que voluntariamente se dispuseram a repassar as informações obtidas em sala de aula, cadastrando oito famílias das zonas urbana e rural do município de Boa Vista e passaram a orientá-los sobre descarte dos resíduos domiciliares, em busca da sensibilização de parte da comunidade, como demonstra a **Figura 04**.

Figura 04 - Grupo de alunos voluntários desenvolvendo ações de conscientizações na comunidade.



Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Nesta figura podemos observar a interação entre os educandos com a comunidade, na prática de conscientização da mesma no que diz respeito aos cuidados com o Meio ambiente e descarte consciente dos resíduos sólidos.

Nas figuras abaixo é possível observarmos a participação dos alunos através de ações ambientais, na Figura A vemos utilização de coletores de pilhas e baterias, já na Figura B, demonstra-se algumas das possibilidades de reutilização de garrafas pet. A Figura C apresenta a separação de material reciclável para a venda e a Figura D exibe a reutilização de pneus para atividades cotidianas.

Figuras A, B, C e D – Participação dos alunos através de ações ambientais.



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

CONCLUSÕES

Ao longo do trabalho, pode-se perceber um crescimento efetivo no interesse e da participação dos alunos envolvidos na pesquisa, no que se refere às questões ambientais. A partir dos resultados obtidos, constatou-se uma modificação em relação à percepção da temática abordada. Em relação aos problemas existentes no município, houve uma modificação sensível no que diz respeito a percepção da existência de problemas ambientais.

No que se refere aos problemas ambientais do município de Boa Vista (PB), principalmente a questão da destinação dos resíduos sólidos, os alunos afirmaram que na comunidade onde os mesmos estão inseridos, houve uma diminuição na queima e um aumento da coleta, ações essas que reforçam a importância dos alunos como agentes multiplicadores do conhecimento sobre EA.

Com relação as concepções de Meio Ambiente, a pesquisa revelou que houve uma sensível modificação, pois durante a aplicação do pré-teste muitos educandos não responderam sobre o que viria a ser Meio Ambiente, já na aplicação do pós-teste uma expressiva maioria afirmou ser “Como Lugar para viver”.

Sobre o conceito de EA, os sujeitos da pesquisa acreditam na EA como mecanismo de mudança, assim como passaram a compreender a real importância da EA no processo de sensibilização e mudança de atitude de cada indivíduo, demonstrando que o desenvolvimento desta pesquisa surtiu o efeito esperado.

Para significativo percentual e alunos a concepção sobre lixo relaciona-se ao que não serve e a poluição. Os dados obtidos na pesquisa revelam outro fato importante no tocante à eficácia da EA como mecanismo de sensibilização, onde ao final das atividades mais de 80% dos alunos afirmaram acreditar que a EA pode promover essa mudança.

Após a realização das vivências educativas os alunos demonstraram que a relação entre a sociedade e o meio ambiente tem trazido inúmeros prejuízos para ambos, devido a diversos fatores como a falta de planejamento urbano, o consumismo crescente e a ausência de projetos de EA.

De acordo com o que foi exposto nota-se uma visível sensibilização dos educados e envolvidos na pesquisa. Analisando as respostas do pré e pós-testes, que após a realização de cada oficina ecopedagógica, os alunos passaram a compreender a real importância da educação ambiental no processo de sensibilização e mudança de atitude de cada indivíduo. Entendemos que se faz necessário o desenvolvimento de mais atividades envolvendo as questões ambientais despertando o senso crítico

dos alunos, tornando a Educação Ambiental uma prática constante e efetiva na busca de um ambiente mais saudável.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, F. J. P. (Org.). Educação Ambiental para o Semiárido. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. v. 01. 580 p.

BARRETO, A.L.P.et al. Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos.In ABÍLIO, F.

J. P. (Org.) Educação Ambiental para o Semiárido. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. v. 01. 459 p.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília,1999. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/lei9795.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2012.

GIL, A.C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo, 2008.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: uma análise complexa. Revista de Educação Pública. v. 6, n.10,1997, p. 72-102.